



COMO TIRAR PROVEITO
DE SEUS INIMIGOS
Plutarco

**COMO TIRAR PROVEITO
DE SEUS INIMIGOS**

COMO TIRAR PROVEITO DE SEUS INIMIGOS

Plutarco

Seguido de *Da Maneira de Distinguir
o Bajulador do Amigo*

Prefácio e notas
PIERRE MARÉCHAUX

Tradução
ISIS BORGES B. DA FONSECA



wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2016

Copyright © Éditions Payot et Rivages, 1993, para o aparelho crítico.
Copyright © 1997, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 1997

3ª edição 2011

3ª tiragem 2016

Esta obra foi traduzida do grego por
ISIS BORGES B. DA FONSECA

Preparação do original

Maurício Balthazar Leal

Revisão gráfica

Tereza Cecília de Oliveira Ramos

Lilian Jenkino

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plutarco

Como tirar proveito de seus inimigos ; seguido de Da maneira de distinguir o bajulador do amigo / Plutarco ; prefácio e notas Pierre Maréchaux ; tradução Isis Borges B. da Fonseca. – 3ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Clássicos WMF)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7827-443-6

1. Plutarco – Crítica e interpretação 2. Plutarco – Ética I. Maréchaux, Pierre. II. Título. III. Título: Da maneira de distinguir o bajulador do amigo. IV. Série.

11-06749

CDD-171

Índices para catálogo sistemático:

1. Plutarco : Sistemas éticos : Filosofia moral 171

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293-8150 Fax (11) 3101-1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Índice

<i>Nota preliminar (da edição francesa)</i>	VII
<i>Prefácio de Pierre Maréchaux</i>	IX
<i>Bibliografia sumária</i>	XXXI
<i>Cronologia</i>	XXXIII
Como tirar proveito de seus inimigos.....	1
Da maneira de distinguir o bajulador do amigo.....	25
<i>Notas</i>	109

Nota Preliminar
(da edição francesa)

O texto grego que seguimos é o da Coleção das Universidades de França: *Obras morais*, tomo I, 2.^a parte, Paris, Belles-Lettres, 1989. Trabalhamos igualmente com os *Moralia*, I, editados por W. R. Paton, I. Wegehaupt e M. Pohlenz, Teubner, B. S. B., B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1974.

Quanto às notas, devemos muito à erudição de Jean Sirinelli e de Robert Klaer. Para a tradução, não nos privamos de consultar edições antigas de Saix (1537), de La Porte du Theil (1772), de Ricard (1845) e de Bétolaud (1870).

Prefácio
As Imposturas de Alcibiades
ou
do camaleão ao sábio estóico

Em honra de M. Daniel Mousseau

A figura de Plutarco (66-120 d.C.), celebrada por Montaigne e Rousseau, aparece como uma das mais atraentes da Antiguidade tardia. Esse contemporâneo de Trajano, nutrido de platonismo e estoicismo, apresenta-se a nós como um polígrafo. Escreve eruditas biografias elogiosas de grandes personagens do passado, as *Vidas dos homens ilustres*. Mas sua atividade de filósofo afasta-o um pouco do sistematismo de seus predecessores, para se voltar para a ética. Os *Moralia*, grande síntese sobre a moral antiga, evitam o estilo abstrato e imitam de preferência a liberdade da palavra espontânea. Os dois tratados que nos ocupam, *Como tirar proveito de seus inimigos* e *Da maneira de distinguir o bajulador do amigo*, obedecem à regra. Plutarco aí introduz toda a arte de um conversador culto, misturando oportunamente brincadeiras, anedotas, mitos, discussões, em conformidade com os bons usos da elegância, da polidez e do rigor. Os Antigos interrogaram-se longamente sobre os perigos do amor-próprio e sobre as conseqüências dessa cegueira; Plutarco mostra que

uma tal complacência para consigo dá ensejo à bajulação. Num catálogo demonstrativo, revela todos os artifícios imagináveis dos lisonjeadores, explicando como é possível pô-los a descoberto. Entretanto, o tratado não põe um ponto final a essa casuística sem evocar longamente a questão da franqueza. Se é preciso aprender a frustrar as ciladas dos bajuladores, é preciso conjuntamente saber aceitar a linguagem franca dos amigos. Nesse domínio, as queixas que a rejeição da crítica faz nascer em nós se assemelham a recriminações de meninos amimados a que se deixam arrastar somente os fracos e os felizes deste mundo. *A fortiori* devem-se preferir as injunções dos inimigos aos elogios prudentes e melífluos daqueles que nos são caros. Tal é o passo inicial do tratado intitulado *Como tirar proveito de seus inimigos*, obra breve e redigida à pressa. Manifestamente datado do ano 100, aproximadamente, este opúsculo apresenta-se como uma carta dirigida a um homem político denominado Cornélio Pulquério. Plutarco já tivera a oportunidade de refletir sobre questões análogas em seus *Preceitos de governo*, que seu prestigioso destinatário conhecia bem. Sem ser uma repetição, o tratado assemelha-se a uma síntese; fica com a aparência de uma improvisação quase oral ditada a um secretário. E, de certa maneira, põe um ponto final à problemática plutarquiiana da bajulação. A franqueza, nós o sabemos, pode ser uma bajulação dissimulada. Por várias razões, ela obstrui a amizade porque soçobra em dois escolhos. Ora se

apresenta como árbitro e vem ferir diretamente o amigo ou o próximo; ora faz o papel das adadoras e, em vez de incriminar os verdadeiros defeitos, prende-se a futilidades, a pormenores complacentes. Excluindo a prudência, a solução consiste em conceder mais crédito a seus inimigos que a seus parentes. A esse respeito, *Como tirar proveito de seus inimigos* mostra ao homem de Estado ou ao simples particular de que maneira o verdadeiro estrategista pode usar, nas circunstâncias menos favoráveis, recriminações, admoestações ou calúnias de seus inimigos pessoais, para melhorar e para vencê-los. O bajulador leva-nos à vigilância, tal é a lição do *De adulatore*. Mas essa vigilância, completamente exterior, diz respeito exclusivamente a outrem. Trata-se de se desconfiar das seduções da alteridade. Ao contrário, o inimigo obriga-nos a uma vigilância interior permanente; excita nosso *demônio familiar* – como reação, nós nos aperfeiçoamos, nós somos exemplares¹, suportamos a injúria², aprendemos a dominar³, somos generosos até com o inimigo⁴. Numa palavra, a adversidade é um exutório para o mal e um modelo para o bem.

O *De adulatore et amico* (Da maneira de distinguir o bajulador do amigo) foi dedicado a Antíoco Filopapo, corego, depois arconte, ateniense do século I de nossa era. A intenção de Plutarco está aí muito clara. Trata-se de organizar uma tipologia dos diferentes bajuladores e arrolar as situações em que a ambigüidade entre bajulação e amizade acha uma

saída. Com efeito, o bajulador sabe maravilhosamente fingir-se de amigo. E o primeiro dilema entrevisto por Plutarco refere-se à ambigüidade da aparência. Por que, queixa-se ele em suma, o homem honesto concede uma confiança ingênua e espontânea a esta ilusão de amizade que é a bajulação? É que o olho é feito apenas para o engano. O bajulador o sabe, ele que ofusca a vista com miragens, uma miscelânea de efeitos, um logro pitoresco, etc. Quem diz bajulação diz ideologia ou caleidoscópio. Plástico em suas metamorfoses (ὕγρὸς μεταβάλλεσθαι⁵), tendo a faculdade de mudar de pele (τὴν χροῖαν τρέπεσθαι⁶), mimético do lugar em que se encontra (συναφομοιοῦται τοῖς ὑποκειμένοις χωρίοις⁷), o bajulador é o mestre de uma imaginária ao mesmo tempo discreta e sobrecarregada que se pavoneia, se empertiga, oculta as verdades invisíveis, e obedece à febre do leilão e ao prestígio do crescendo. Com ele, tudo começa por uma insinuação progressiva que, se a vítima ousa, se torna profusão galopante, inflação diabólica ou proliferação cancerosa. Se se trata de elogio, por exemplo, com receio de passar por lisonjeador grosseiro, o bajulador empregará a prosopopéia, pondo os louvores a seu papalvo na boca de outrem⁸; ou, então, cumprimentando *a contrario*, censurará as virtudes que não têm os que ele elogia⁹. Essa imaginária que começa tão suavemente acaba por avolumar-se a ponto de um bajulador subestimado ganhar pouco a pouco a estima de sua vítima. Começa-se por esse bailado de sombras ilusó-

rias, cujo nome platônico era *σκιαγραφία*, antes de abordar o reino da consistência; pois toda a técnica do bajulador reside nesta arte de acomodar-se¹⁰, que é também uma arte de enlaçar-se, ou melhor, de arrombar a fechadura da anuência. A princípio o temor de ser suspeito obriga o adulator a partir do infinitesimal. Para louvar, ele falará claro, usando de certa franqueza, a que não visa a denunciar senão os defeitos secundários¹¹, ou então, a rigor, ele se servirá de um cumprimento mudo¹². Essas preocupações lhe valerão um acréscimo de reconhecimento. Com efeito, a discrição, a prudência e tudo o que é considerado como tal acrescentam à bajulação um valor extraordinário, que a doura e a faz resplandecer. Platão não se preocupava em elogiar, e toda a sua doutrina, que execrava os xaropes de agrado vil, estabelecia a ciência séria contra a frívola e complacente adulação. Plutarco, sem fazer apologia, reabilita, para torná-las mais confusas, essas rotinas da bajulação¹³. De Alcibíades, príncipe dos bajuladores, ele faz um herói-camaleão, ora guerreiro, ora grosseirão, ora efeminado, ora estrategista. Fachada sem interioridade, o discípulo preferido de Sócrates, palmilhando com passos discretos o caminho de veludo do estratagema, cria para seus próprios fins toda uma técnica do divertimento, uma academia de bajulação¹⁴! Adepto de uma retórica sem moral, de uma sedução sem limite, ele renuncia à anagogia esarpada para onde o leva seu mestre, pelas ruas insidiosas da demagogia. Essa inconstância lisonjeira já anun-

cia o retrato de um embaixador do Grande Rei como monstro multiforme, sob a pena de Baltasar Gracián:

Eles viram uma carruagem que vinha em sua direção, duas serpentes puxavam-na e uma raposa a conduzia. Critilo perguntou se era a Carruagem de Veneza, mas a Raposa Cocheiro fingia não ter ouvido e nada respondia; havia dentro um grande monstro, ou, para melhor dizer, vários monstros unidos num só, pois aparecia ora branco e ora preto, ora jovem e ora velho, ora homem e ora mulher, ora racional e ora animal. Por fim, aparecia tão multiforme que Critilo imaginou que fosse o famoso Proteu. (*El criticón*, crisi 7, Espasa-Calpe, Madri, 1975, p. 61)

Lançando mão de todos os meios em seu poder, o bajulador não só usa aparências do vestuário ou gestos mudos de cortesia, mas frequenta o palácio da linguagem. Confeita suas palavras para excitar o paladar dos homens condimentando o acepipe das coisas; empola seus epítetos; em sua boca, um nariz de águia é régio (τὸν δὲ γρυπὸν βασιλικόν¹⁵), a covardia torna-se prudência (δειλίαν ἀσφάλειαν¹⁶)! Por tais processos que tiram o caráter de realidade do seu objeto, o bajulador instala-se à força em seu gabinete mágico das vaidades e dos prestígios de que fala Gracián em seu romance alegórico. Obrigando a tomar a sério o que o *Górgias* ou a *República* tinham renegado, ele trabalha, tal como um oculista astuto, na esfera dos espelhos deformantes e no mundo dos

falsos reflexos. Um rei que cantarola se torna um Apolo, um potentado que se embriaga é feito deus das vinhas, um príncipe na palestra tem tudo de um Hércules¹⁷. Uma espécie de dióptrica mental nasce desses exageros: o bajulador a instaura ao mesmo tempo que cria uma arte de prudência que joga com as maneiras circunstanciais do ser e o ornamenta com uma finíssima película matizada. Como um nariz adunco se torna real? Basta mascarar sua essência sob um véu leve que sugere, para melhor enganar, e o logro está consumado. É preciso ter a aparência. Tudo está em ter a aparência. Plutarco, Castiglione, Gracián, La Bruyère observaram todos esses bajuladores de corte, ambiente irreal, quimérico e inconsistente. E cada um em sua língua sabia que um adulator da têmpera de Alcibíades era o reflexo de um reflexo, uma exibição encarnada em que o parecer submergia o ser, diminuindo-o ou aniquilando-o. Entretanto, se Alcibíades foi o príncipe dos bajuladores, foi o seu menos delicado representante. Esse bajulador habitual, como o considerou Plutarco, deu os últimos retoques numa arte de agradar para subjugar. A sedução de Alcibíades assemelha-se ao encanto irreversível e agressivo dos mágicos. É uma operação de sentido único: exclui a comunhão mútua, a comunicação que repousa sobre este duplo influxo de ida e volta. É talvez por isso que Alcibíades, mau bajulador, teve uma carreira demasiado fulgurante. Ao contrário, o hábil sedutor de corte, por exemplo, dá a ilusão de uma reciprocidade. É para

mais desviar o espírito que esse perspicaz impene-
trável¹⁸ deixa crer numa relação bilateral, enquanto
evita a todo o preço a troca. Ele adivinha, sem ser
adivinhado¹⁹, frustra o jogo de outrem sem permitir-
lhe ler no seu próprio jogo²⁰; em suma, desfaz no
outro a obra de artifício para aí reencontrar a ver-
dade, mas é todo mistério sobre si próprio e aban-
dona o outro em sua ansiedade. Nada de adulação
passiva – o bajulador se deixaria apanhar em sua
armadilha –, mas uma adulação ativa que consiste em
dominar sem ser dominado, em compreender, pro-
cedendo de modo que ele próprio seja mal com-
preendido. Não se trata de induzir um amigo em er-
ro, mas de enfeitiçar um tolo sob as aparências da
amizade. O fim da bajulação, por conseguinte, tor-
na-se prático, técnico e militante antes de ser imoral,
pois que, para calcular sua imoralidade, ainda é
preciso ver contra quem ela se declara. Como se po-
de perder a vantagem no caso em que o astuto re-
vele seu jogo, a consciência trabalha sem cessar pa-
ra vigiar seus baluartes dominantes e consolidar sua
cidadela inexpugnável. A consciência do bajulador,
muito perspicaz, é consciência de falsa aparência: sa-
be que seu servidor imediato é um impostor, não
ignora que ele parece sem ser; ela quer naturalmen-
te ter as primícias de uma tal conspiração consigo.
Em outros termos, ela é ciência da ignorância, cons-
ciência da inconsciência. E, por pouco que a relação
se inverta, ela tem sempre em sua mochila algum
engano proveitoso, alguma fraude inédita, que lhe

permitam fazer pender a coordenação para subordinação e a igualdade para disparidade. Entretanto, e é o que Plutarco não diz, a bajulação será quase inevitável enquanto se opuserem a ponderação passional do homem honesto e a leviandade indiferente do bajulador. Expliquemo-nos.

A bajulação, essa coirmã da arte e do teatro, é apenas uma das filhas do ócio. Como arte e à semelhança da comédia, ela só existe quando a urgência vital não se faz sentir. Entretanto, muitos elementos a diferenciam da arte da cena: enquanto a comédia escrita se assemelha a um fogo de palha, a comédia da vida oferece um terreno duradouro e propício ao abrasamento, porquanto o bajulador brinca com o fogo; uma vítima aparece, ele vai vê-la, põe-na a descoberto, imita-a, engana-a, excita seu amor-próprio; e, se a chama dura mais tempo que os bens ambicionados, nosso velhaco retira-se. E, supondo-se que tenha sido desvendado, enquanto o pateta se debate e soçobram corpo e bens no naufrágio da desilusão, o bajulador, econômico, não compromete senão uma parcela de sua alma no desastre – a outra, atraída por novas iscas, já está em pé de guerra, muito atarefada em estratégias preparatórias. Economia e Diplomacia são, pois, as deusas tutelares do bajulador. A vítima plausível envisca-se nela mesma – compraz-se em mostrar o alvo de seus pontos fracos; sua paixão dilui-se ao longo de um determinismo visível a todos; ao contrário, o bajulador sabe tirar a dramaticidade de sua tragédia interior; foi desco-

berto? Parte em busca de um novo pateta. Bajular é frustrar, isto é, farejar as armadilhas da adversidade, mas também desapaixonar-se ou desprender-se de si mesmo.

Se o bajulador sabe atribuir a cada coisa sua parte, se ele recusa a tirania do ponto de vista único, para adotar uma multidão deles, a bajulação procede, então, de uma arte de tocar de leve os seres e as coisas. Caso aconteça que ela seja profunda, que ela se enraíze, é sempre num desígnio astucioso. Deve-se dizer que a propensão à ponderação que caracteriza a maioria das vítimas que ela escolhe pode tão-somente favorecer sua manobra devastadora. Há na psicologia dos grandes homens cercados de uma multidão de bajuladores, Alexandre, Ptolomeu, Tibério, Antônio, Dionísio, particularidades constantes: todos sucumbem ao imperialismo de suas tendências, às gradações de sua natureza passional, à exaltação de seus menores desejos, à inclinação para o sonho, a uma excessiva confiança em si que vai até ao extremo da credulidade. O mesmo se nota nas veleidades esportivas de Alexandre²¹, no entusiasmo de Ptolomeu Evergeta II pelas amputações cirúrgicas²², na hipochondria doentia de um Tibério aniquilado pela esmagadora responsabilidade do império (60 C), no voluptuoso sentimento de Antônio por Cleópatra (61 A), nas passageiras fantasias matemáticas de Dionísio (52 D). Em todas essas figuras históricas, um impulso, entregue a si mesmo, prolifera indefinidamente, a ponto de ocupar todo o espaço; longe de desapa-

recer espontaneamente, torna-se vício arraigado ou idéia fixa; transforma-se em circunspecção e lentidão.

Quanto ao lisonjeador, ele é dotado prodigiosamente de todos os mecanismos reguladores que compõem automaticamente a hipertrofia dos desejos. Sabe limitar a manifestação excessiva de suas paixões para, num jogo sério, estar em conformidade com a dos outros; pode a qualquer momento organizar em si mesmo essa concorrência dos instintos que os servidores imediatos da vaidade, monopolizados como são por impulsos demais imperiosos, não têm a capacidade de fazer funcionar. Mantido longe da obsessão, o bajulador instala em si mesmo essa tonicidade das inclinações contrastantes: adapta-se às circunstâncias, pode aproveitar, em qualquer momento, a ocasião favorável, vence facilmente o retardamento patético de seu coração. Em resumo, ele não é dessas naturezas graves, sombrias, inflexíveis, que tomam fielmente uma atitude reservada para com seus prazeres e paixões. Está longe de gabar esse radicalismo do coração que o tornaria visivelmente vulnerável. Considera as almas de suas vítimas como modelos de fragilidade, como presas fáceis para o infortúnio, porquanto elas oferecem um vasto curso a suas manobras capciosas. A ironia do bajulador, essa maravilhosa disposição para a viagem da alma que é recusa da inércia, consiste em não aparecer integralmente em cada manifestação: o bajulador poupa seus recursos, não toma grandes ares trágicos a não ser de encomenda e jamais se deixa

prender na histeria. Compreende que o ponto fraco de suas vítimas reside numa hiperestesia: elas, capazes de amar e de odiar perdidamente, de apaixonar-se por não importa quem, de ficarem cegas por amor-próprio, não vivem mais ao compasso do dia-pasão, da justa observação das coisas, da lucidez crítica, mas entregam-se a exaltações comprometedoras e desmedidas. O bajulador desenvolve, então, em si uma espécie de prudência egoísta que o imuniza contra dilacerações do extremismo sentimental. Mantém a cabeça fria, concedendo a si o meio de jamais se desencantar, em razão de só representar a comédia da sedução. E, supondo-se que seja desmascarado e surpreendido pela má sorte, a linha de retirada para a qual ele recuará coincidirá com um novo objeto de bajulação. Por mais que Plutarco mostre como se desmascara um bajulador, sabe que não se pode surpreendê-lo em flagrante delito de desespero, de culpabilidade ou de remorso. Toda desolação está em sua obra já apaziguada: sua verdadeira pessoa não está lá, está sempre alhures, a menos que ela não esteja em parte alguma... O bajulador não é um medíocre parasita semelhante a essas aduladoras de Chipre que foram cognominadas escabelos porque se abaixavam diante das esposas dos reis para permitir que elas subissem em seu carro²³. Não, ele assemelha-se antes aos sofistas, a esses trapaceiros que sempre têm razão no pormenor, sem ter razão no conjunto, pois que são, como o mostra Bergson, paralelistas, a meio caminho entre duas idéias.

Difícilmente se pega o bajulador na sua própria armadilha porque ele é literalmente *perfeito*. Um fulano, um dia, adiantou-se em pleno senado e fingiu dirigir ao imperador Tibério censuras veementes. A assistência imediatamente fez silêncio. Ouviram-se, então, as precauções de um homem em desespero: quando, declarava ele em resumo, Tibério pouparia sua saúde e descansaria, ele a quem consumiam as vigílias e os cuidados de seu cargo²⁴? Ouvindo essas admoestações benevolentes, o retor Cássio Severo afirmou ironicamente que uma tal franqueza mataria seu homem. Entretanto, fica sempre na bajulação o último impulso da sinceridade, assim como paira incessantemente acima da inculpação, ou da condenação à morte, a presunção de inocência. O bajulador sabe-o bem; quanto mais ágil, mais se torna inatingível, quanto menos suspeito, menos atingível; como o escamoteador de Jerônimo Bosch, ele sobressai em sutiliar um obstáculo, em marcar as cartas, para fazer crer em sua dedicação, em sua profundidade. A bajulação procede de uma gravidade volúvel. Enquanto a presa é atraente, ela representa o papel do ancoradouro; é mais real que a própria realidade, finge sedentariedade, imobiliza-se; o palerma que fica maravilhado, assim como Narciso, de encontrar um outro ego expande-se, abre os cordões de sua bolsa ao mesmo tempo que se tornam inflados os véus de seu amor-próprio. Se a navegação é de curta duração, se a pobre rã humana, desvairada de reconhecimento e cheia de auto-satisfa-

ção, vem a naufragar, seu adulador habitual escapa por um deslizamento insensível, e faz piruetas, para não dizer se pavoneia, à espreita de um novo olhar esbugalhado.

Nessas astúcias do bajulador, já se reconheceu um talento próprio da inteligência e que é tão-só a arte de resvalar. O bajulador é como um dançarino de corda que andasse na terra firme em que rastejam os papalvos, esses tardígrados do espírito. Longe de aderir, longe de ponderar, ele atinge a emoção do outro com um toque muito sutil. Mesmo se fala vigorosamente com os desbocados, é contrafeito que murmura a si mesmo. Como ator consumado, diverte-se com todos os sentimentos que seu arsenal teatral lhe permite mascarar. Sem jamais explorar o coração, explora a cabeça; e, por pouco que se aproxime do apaixonado, jamais se compromete a fundo, no seu íntimo obviamente. Assemelha-se a esses beerrões que recusam embriagar-se unicamente do mesmo néctar, e que, em vez de esvaziar a garrafa até à borra, criam para si uma embriaguez multicolor, saboreando com uma mestria de enologista um grande número de vinhos.

Alcibíades, esse Panurgo grego, representava os elegantes em Atenas, tinha a cabeça rapada em Esparta, tinha maneiras grosseiras na Trácia, descambava na efeminação na Pérsia²⁵... Alcibíades é o modelo supremo dos bajuladores (ὁ μέγιστος) ao mesmo tempo que é o de mais aguçada consciência: consciência buliçosa que, como Proteu, se subdivide ao

infinito e evita a estupidez do enraizamento, consciência extrema, que torna atento para o real e que imuniza contra as estreitezas de uma emoção intransigente, contra a intolerância de um fanatismo exclusivo. A esse espírito de *pizzicato*, ou de um ludião movente, Plutarco censura seu diletantismo, sua inconstância. Ora, a característica do bajulador é evitar a repetição enfadonha, exceto se é coagido no exercício de sua função; é, portanto, com justa razão que Alcibíades, percorrendo o caminho que o levava de Atenas à corte de Tissafernes, não se deteve durante o trajeto. Esse triunfo do movimento avante sobre a aderência aos costumes e aos discursos tornou-o imaterial, insensível, disponível e superiormente incrédulo, ao mesmo tempo senhor dos povos e das coisas. A bajulação de Alcibíades não passaria da ironia socrática novamente convertida para fins de adaptação social; graças a ela, o jovem combatente de Potidéia aí faria a descoberta da pluralidade; seus sentimentos, desistindo de sua solidão senhorial por vizinhanças humilhantes, coexistiriam com os da multidão.

Nenhum tema filosófico é mais diretamente inspirado do pensamento sofisticado que o da bajulação, na medida em que aparência e oportunidade são valores essenciais aos olhos dos sofistas. Desse ponto de vista, o bajulador aparece menos como uma força negativa do que sob o aspecto de um homem de adaptação, num mundo de instabilidade e duplicidade. Sua excelência manifesta-se por um triplo do-

mínio: ele determina as aparências, acomoda as circunstâncias, triunfa da mobilidade. Primeiramente, o bajulador sabe recorrer às aparências em seu próprio favor, mostrando-se em qualquer circunstância sob o aspecto mais feliz. Assim, só concede suas atenções às naturezas nobres, generosas e boas²⁶ que o acolhem calorosamente. Depois, possui a arte de utilizar as circunstâncias, aproveitando as ocasiões, segundo uma técnica que não é de previsão, mas, antes, de intuição da oportunidade no momento em que esta se apresenta. Enfim, é hábil em se mover no instável e no frágil. Essa faculdade de evolver no inapreensível e de fazer disso seu alimento diário evoca, bem antes do completo desenvolvimento, a filosofia de Pascal, porquanto uma mesma intuição trágica da futilidade de toda busca e de toda posse aproxima a frivolidade segundo Plutarco do divertimento pascaliano.

Em suma, essas habilidades estão condicionadas a um reconhecimento do artifício como um princípio único da vida social do bajulador. O freio que Plutarco opõe a essa vida é o medo da natureza, é o temor do natural, é o terror que a espontaneidade do sentimento inspira. Só a irrupção dessas solitações que guiam o homem sem artifício tem por efeito tornar o bajulador pusilânime, pois que o *adulator* é um inconsciente: tudo lhe é permitido, tudo lhe é possível. Qualquer pessoa pode assemelhar-se a ele, na condição de renunciar ao apelo da natureza

(tendências, paixões, apelo do coração) e de dar sempre preferência à arte ou ao artifício.

Poder enganador num sentido, a bajulação é também (Plutarco não o diz) um poder que causa júbilo, pois, à semelhança da perversão, *torna feliz* aquele que ela engana. Opõe ao real, esse triste *deceptor*, um simulacro cintilante. Sobrecarga, excesso, inflação de presença linguageira ou espacial, a bajulação recupera o que se *arrasta* na realidade, para lhe dar um recrescimento de volume. Sob seu império, a mais miserável aparência existe no espaço, arqueia o busto tal como mata-mouros, pavoneia-se e tende para a exibição complacente de sua forma. Esse triunfo da bajulação suscita uma interrogação sobre a linguagem franca, porque se o bajulador tem em nós uma presa fácil é que nossa suficiência nos cega e nos torna rebeldes à franqueza de nossos amigos²⁷. É preciso ser sincero? Todas as verdades são boas de ouvir?

Plutarco responde sem rodeios. A sinceridade é em absoluto incondicionalmente boa, pois é nela que se nota a ocorrência instantânea da coragem. Dizer a verdade a quem amamos é o mesmo que tomar a decisão de dizer o que somos. Nos dois casos, a asunção efetiva da verdade exige um violento esforço sobre si, uma vitória sobre o interesse. Em matéria de liberdade de palavra (*παρρησία*), a única ocasião que seja dada ao amigo de proferir uma semiverdade é a lítotes, essa pseudologia irônica, que supõe o

extremo desdobramento da consciência. Posta por Plutarco na categoria das técnicas de franqueza²⁸, ela não é falsa; propõe-nos somente induzir-nos à verdade pela via indireta da simulação: longe de manobrar por egoísmo, ela nos experimenta para ver se saberemos compreender. A exemplo do cirurgião que não engana o doente escondendo-lhe o bisturi, pois que é *para seu bem*, o homem de tato (ὁ χαρίεις) pode deixar em suspenso sua intenção de falar a verdade, a menos que dilua em algumas doçuras languageiras que exigirão decifração e interpretação²⁹. A questão da franqueza delineia uma separação entre amizade e adversidade, entre bajulação hipócrita e franqueza hostil. Com efeito, a vigilância que o olhar crítico de um adversário nos impõe exige mais de nós que o desleixo com o qual ouvimos nossos parentes. O tratado *Como tirar proveito de seus inimigos* propõe-se mostrar, como dissemos, de que maneira um homem de Estado (ou um simples cidadão) pode aproveitar as censuras de seus inimigos pessoais para melhorar, como converterá as críticas que quer manifestar a outrem em injunções morais em face de si mesmo, como suportará pacientemente a injúria, como aprenderá a exercer o domínio e como será generoso para com seus adversários.

Reconhece-se aí uma fidelidade à filosofia estoíca que foi elaborada quatro séculos antes de Plutarco, a partir dos anos 300 antes de nossa era. Os nomes dos grandes representantes dessa corrente de pen-

samento são freqüentemente mencionados na obra de Plutarco, que lera e meditara muito esses autores, mesmo no lugar em que uma escrita espontânea não parecia estar servindo de base a uma precisão técnica. Essa fidelidade a uma doutrina já antiga não deve causar admiração; as filosofias antigas tinham o impacto temporal das religiões, embora fossem reservadas a elites intelectuais. Compreende-se, então, que não tenham soçobrado na obsolescência, como seria o caso de nossos sistemas contemporâneos que vivem, como dizia Barthes, a evolução da “pequena história”. No tempo de Plutarco, então, o estoicismo se põe ainda o problema da felicidade e continua a refletir sobre o ideal sapiencial. A respeito da adversidade, o homem sábio não deve manifestar nenhuma inquietude. Com efeito, a segurança, *summum* do bem que ele procura, adquire-se por um trabalho de impregnação lenta; é suficiente, à força de treino e de ascese, convencer-se de que os sofrimentos e a morte não são nada, e que a compreensão da adversidade, a integração do infortúnio em nossa própria vida, podem fortalecer a segurança interior que procuramos. Entretanto, Plutarco não é Sêneca e ele concede a melhor parte à *afetividade* no momento em que o filósofo latino tenta absolutamente erradicá-la. O afeto, segundo as instâncias mais radicais do estoicismo, não passa de uma excitação local, um fenômeno parasita que se enxerta em nossos julgamentos, nada em suma que possa desafiar os tribunais da Razão. Plutarco, como mediador,

acolhe a posição de Aristóteles que horroriza Sêneca: devem-se moderar suas paixões para utilizá-las em dose aceitável. Leiamos *A constância do sábio*, e veremos que se trata de extirpar de nossa alma os impulsos mais suspeitos. Não vejamos nesse empreendimento repressivo uma impetuosidade exacerbada e vingadora que poria a menor veleidade passional na impossibilidade de causar prejuízo. Consideremos somente que devemos aniquilar o afeto no caso em que possa ser mal refreado. Nossa alma não deve em nenhum caso nutrir em seu seio essa víbora que, uma vez reanimada, iria picá-la infalivelmente.

Tratando-se da adversidade que é também, no sentido do tratado de Plutarco, crítica de outrem, o estoicismo difere de nós em numerosos pontos. Primeiro, Plutarco, a exemplo de Sêneca, é universalista ao mesmo tempo que individualista. É isso que torna sua posição difícil de compreender. Segundo ele, o sábio deve cumprir perfeitamente seus deveres, centralizando sua ascese em si mesmo; isso não impede que ele fique inexoravelmente aberto à idéia de uma razão universal, imparcial e que não faz escolha das pessoas. Credo sensato o desejo do impossível, ele imagina que o homem poderá tirar sua confirmação do imenso poder da justiça eqüitativa e da lei geral. Eis uma opinião que contrasta com a nossa. Nós consideramos, como modernos, que o desejo sobressai no homem e que o mundo é somente uma soma de consciências diferentes que que-

rem aniquilar-se por inveja, proselitismo ou conformismo. Ora, Plutarco, como bom estóico, põe toda sua esperança na perfeição do mundo; tenta, portanto, unificar a virtude (receita da felicidade pessoal) e a moral dos deveres para com outrem. Desse ponto de vista, ele compreende que a perfeição moral não se mantém na inércia; assim, concebe a relação do sábio com seu inimigo como um exercício no desafio que permite à virtude manter-se em forma, pois esta pode perder-se, uma vez adquirida, e voltar atrás como uma mola tensa demais que se afrouxasse.

O *De adulatore* e o *De capienda ex inimicis utilitate* dependem finalmente do mesmo tema e podem facilmente justificar uma publicação conjunta. Os dois interessam-se pela questão das aparências e interrogam-se sobre a atitude do homem que a vida social põe constantemente em luta contra a ilusão. Quando o político é o pateta do bajulador, ele cede às belas aparências, entra de repente nessa metamorfose dos volumes e das formas que lhe faz ver o real sob o prisma de aumento do amor-próprio. Inversamente, quando um inimigo o despreza e o ridiculariza, ele recusa a crítica e põe em dúvida sua veracidade. Ainda uma vez seu amor-próprio o logra, tornando-o incapaz de ver a falha que se denuncia nele. De todos os lados, as forças da *filáucia*, essa paixão inveterada de si mesmo, impedem o homem de ter um olhar justo sobre as coisas;

elas falseiam sua visão, confundem seu julgamento e favorecem sua divagação num mundo em que tudo já é levado a enganá-lo, em que as similitudes iludem. Plutarco encontra uma solução para esta gigantesca “falcatrua” que é a vida social. Excluindo toda morosidade, mostra que é possível guiar sua vida ao revés das aparências, isto é, tomando o sentido oposto. Se a recusa do louvor é o primeiro passo que conduz à busca da identidade, deixando de olhar para si mesmo e para seus caprichos, o respeito das críticas de outrem e o reconhecimento de sua legitimidade serão o meio supremo de chegar à verdade desejada. Em lugar de instaurar uma moral social nova na história da filosofia, Plutarco prova que a *euthymia*, essa serenidade do estóico, esta arte dos compromissos e das proporções, permite conciliar ao mesmo tempo as mais contraditórias noções: o puro e o impuro, o amor e a intimidade, a franqueza e o tato. Num tempo de coabitação política e de disparidade social, não seria desejável que seu pensamento, desafiando o anacronismo, pudesse servir de balaustrada para as cortesãs dos príncipes e para as rivalidades dos ambiciosos?

Bibliografia Sumária

- Aulotte, R. *Plutarque en France au XVI^e siècle*, Paris, Klincksieck, 1971.
- Babut, D. *Plutarque et le stoïcisme*, Paris, 1969.
- Barrow, J. *Plutarque and this Time*, Londres, 1967.
- Brunt, P. A. "Stoicism and the Principate", *Papers of the British School at Rome*, XLIII, 1975, pp. 7-35.
- Dronkers, A. I. *De comparationibus et metaphoris apud Plutarchum*, Utrecht, 1982.
- Fraisse, J.-C. *Philia*, Paris, Vrin, 1974.
- Fuhrmann, F. *Les images de Plutarque*, tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris, Paris, 1964.
- Greard, O. *La morale de Plutarque*, Paris, 1866.
- Guthrie, W. K. C. *The Sophists*, Cambridge University Press, 1971. Trad. franc. Payot, reed. 1988.
- Hartman, J. J. *De Plutarcho scriptore et philosopho*, Leyde, 1916.
- Hein, G. *Quaestiones plutarcaeae*, Berlim, 1916.
- Inwood, B. *Ethics and Human Action in Early Stoicism*, Oxford, 1985.
- Jones, R. M. *The Platonism of Plutarch*, Chicago, 1916.

- Long, A. A. e Sedley, D. N. *The Hellenistic Philosophers*, vol. I: *Translations of the Principal Sources with Philosophical Commentary*; vol. II: *Greek and Latin Texts with Notes and Bibliography*, Cambridge University Press, 1987.
- Puech, B. *Le cercle de Plutarque*, 1979, tese de terceiro ciclo de Paris-IV.
- Renoirte, Th. *Les conseils politiques de Plutarque*, Louvain, 1951.
- Ziegler, K. *Plutarchos von Chaironeia*, Stuttgart, 1949.

Cronologia

Em razão da escassez de dados e a imprecisão das datas relativas à vida de Plutarco damos a seguir algumas informações coletadas por Vadim Valentinovitch Nikitin, especialmente para esta edição, sobre a vida e a obra deste autor, mas fugindo aos padrões que haviam sido estabelecidos para esta coleção. Quase todas as datas são aproximadas, daí a necessidade de virem precedidas de c. (cerca de).

O Editor

Plutarco nasceu em c. 46 d.C., em Queronéia, cidade da Beócia próxima a Delfos, e aí também veio a falecer, em c. 120.

Filho de família abastada e influente, estudou em Queronéia e depois em Atenas, onde aos vinte anos já ouvia as lições do médico Onesícrates, do orador Emiliano e do filósofo platônico Amônio. Dirigiu-se então ao Egito (apenas Alexandria?) e de lá à Itália, onde viveu por vinte anos (c. 75-c. 95). Em Roma terá certamente fundado uma escola. No fim desse periplo cultural e diplomático, em meio a um Império Romano que havia já integrado a si a Grécia, Plutarco retorna à terra natal, onde passa a ocupar altos cargos municipais. Sabe-se que Plutarco pertenceu ao colégio de sacerdotes em Delfos. O *Suidas*, grande léxico grego compilado no final do século X, informa que Trajano, imperador romano de 98 a 117, o elevou à dignidade de cônsul. Eusébio (século III-IV), autor de uma “crônica” que é fonte de grande parte de nosso conhecimento sobre as datas e os eventos na história grega e romana até 325 d.C., pretende que

Adriano, imperador romano de 117 a 138, tenha encarregado Plutarco de governar a Grécia. Mas todo e qualquer registro da vida de Plutarco deve ser lido sempre à luz difusa das conjeturas.

Foi só de volta a Queronéia que Plutarco pôs-se a redigir a maior parte das aproximadamente duzentas obras que lhe são atribuídas, das quais muitos tratados constituam talvez reelaboração de suas conferências. Essa grande produção está organizada em duas seções:

1) Uma série de *Vidas de homens ilustres*, ou *Vidas paralelas*, escritas entre c. 105-c.115, que são, exceto quatro biografias isoladas, vinte e duas biografias duplas nas quais a vida de um romano ilustre (estadista ou soldado) é cotejada à vida de um grego ilustre (Rômulo a Teseu, Fábio Máximo a Péricles, César a Alexandre, Cícero a Demóstenes, etc.). Costuma-se dizer que os critérios de comparação utilizados por Plutarco para animar tais cotejos foram antes os de um moralista que os de um historiador, pois tinham como objetivo apreender e dar a ver mais os caracteres que os fatos ou as ações de seus biografados, mais os aspectos morais que os eventos políticos envolvidos no tema. Shakespeare baseou-se na tradução inglesa das *Vidas* (de Sir Thomas North, 1579, feita a partir de uma versão francesa de Amyot) para compor suas três peças romanas, *Júlio César*, *Antônio e Cleópatra* e *Coriolano*.

2) Uma série de aproximadamente sessenta e cinco tratados esparsos, nos quais Montaigne parece

ter se inspirado para escrever seus *Ensaíes*, reunidos sob o título de *Moralia*. Os assuntos desses tratados, mais conhecidos por seus títulos latinos, são extremamente variados, recobrando ética, religião, filosofia, literatura e assuntos norteados por uma apurada curiosidade erudita, sempre num estilo desafetado e pleno de personalidade. Fazem parte dessa seção das obras de Plutarco os textos aqui editados, *Como tirar proveito de seus inimigos* (c. 100) e *Da maneira de distinguir o bajulador do amigo*, este último dedicado a Antíoco Filopapo, arconte ateniense do século I.

***COMO TIRAR PROVEITO
DE SEUS INIMIGOS***

*Dedicatória: a administração política, fonte
fecunda de inimizades e de ódios.*

1. Vejo, Cornélio Pulquério¹, que escolheste a maneira mais doce de governar o Estado: sempre a te esforçares em servir a comunidade, mostras uma grande benevolência para com aqueles que em particular te dirigem solicitações². Pode-se certamente encontrar um país onde não haja animais ferozes, como, entre outras coisas, se fala a respeito de Creta³, mas já se viu uma administração política que não tenha exposto aqueles que a exerciam ao ciúme de seus rivais, à inveja e à concorrência, paixões muito férteis em inimizades (aliás, na falta de outras causas, as amizades reservam-nos inimizades. Tal era a opinião do sábio Quílon⁴, quando ele perguntava a um homem que se vangloriava de não ter inimigo se também não tinha amigo)? As meditações de um homem de Estado devem apoiar-se, parece-me, na questão dos inimigos encarada sob todas essas facetas; e deve-se ter atribuído um vivo interesse a esta

sentença de Xenofonte⁵: que “é próprio de um homem ponderado tirar proveito de seus inimigos”. Em conseqüência, as conversas que tive recentemente sobre essa matéria, reuni-as aproximadamente nos mesmos termos e envio-as a ti. Tanto quanto possível, abster-me de inserir o que tinha escrito em meus *Preceitos políticos*⁶, pois vejo que tens frequentemente esse tratado entre as mãos.

Visto que é impossível não ter inimigo, é preciso saber tirar proveito dessa situação.

2. Os primeiros homens limitavam-se a não cair entre as garras de seres selvagens de uma espécie diferente da sua, e aí estava o objetivo dos combates que eles travavam com animais selvagens. Depois, seus descendentes aprenderam a utilizá-los; aliás, não tiram proveito disso, quando se servem de sua carne para se alimentar, de seu pêlo para se vestir, de seu fel e de seu coalho para se tratar, de seu couro para se armar? Em conseqüência, se os animais ferozes tivessem vindo a faltar à raça humana, é de recear que sua vida se tivesse tornado selvagem, indigente e bárbara⁷. Por conseguinte, visto que os homens comuns se limitam a evitar a má vontade de seus inimigos, e que os ponderados, no dizer de Xenofonte⁸, tiram proveito de seus adversários, não ponhamos sua palavra em dúvida, mas procuremos um método, uma arte, graças aos quais os seres

incapazes de viver sem inimigos tirarão algum expediente vantajoso.

O lavrador não pode tornar fecunda qualquer árvore, nem o caçador, domar o primeiro animal que chegar; eles procuram, então, outros meios de tirar proveito, o primeiro, da esterilidade vegetal; o segundo da selvageria animal. A água do mar é pouco potável e tem mau gosto; mas sustenta os peixes, favorece os trajetos em todos os sentidos, é uma via de acesso e um veículo para aqueles que a utilizam⁹. Quando o sátiro contemplou pela primeira vez o fogo, desejou beijá-lo e abraçá-lo; então, Prometeu lhe disse:

“De tua barba de bode chorarás a perda.”¹⁰

O fogo queima quem o toca; mas fornece luz e calor, serve a uma infinidade de usos para aqueles que sabem utilizá-lo. Examina igualmente teu inimigo: esta criatura, de um outro lado, nociva e intratável, não dá, de alguma maneira, ensejo de ser apanhada? Não pode prestar-se a algum uso particular? Não é útil? Muitas coisas são igualmente penosas, detestáveis, hostis, quando se encontram no nosso caminho. Entretanto, notas que certos homens converteram sua doença numa doce inação física. Muitos outros se fortaleceram e se tornaram resistentes sob o império das provocações que tiveram de sofrer, ao passo que a perda de sua pátria e a privação de seus bens conduziram raros eleitos a um lazer

dedicado ao estudo e à filosofia. Foi a direção que tomaram Diógenes¹¹ e Crates¹². Zenon¹³, ao contrário, sabendo que o navio fretado por ele tinha naufragado, exclamou: “Fazes bem, fortuna, em me reconduzires ao burel dos filósofos!” É a mesma coisa para esses animais cujo estômago é dos mais encorreados e cuja saúde é das mais vigorosas; não engolem e não digerem serpentes e escorpiões? Aliás, outras espécies se nutrem de seixos e de conchas, transformando-os pela força e pelo calor de seu sopro vital. Em compensação, os indivíduos delicados e doentios têm dificuldades em suportar um pouco de pão ou de vinho sem ter vontade de vomitar. Assim os imbecis maltratam suas amigadas, enquanto os homens sensatos sabem dirigir para seu proveito mesmo as inimizadas.

Visto que nosso inimigo observa curiosamente nossas ações, é necessário que estejamos atentos a nós mesmos, e essa vigilância transforma-se insensivelmente em hábito de virtude. A emulação é uma contenção moral.

3. Em primeiro lugar, parece-me que o mais prejudicial na inimidade pode tornar-se o mais proveitoso, se se quer atentar nisso. E de que maneira? É que teu inimigo, continuamente atento, espia tuas ações; na expectativa da menor falha, fica à espreita, em torno de tua vida, não vendo somente “através dos

carvalhos”, como fazia Linceu¹⁴, nem “através de pedras e telhas”, mas também através de teu amigo, teu doméstico, e todos aqueles com quem tiveres familiaridade, para apanhar de surpresa, tanto quanto lhe for possível, o que farás, e aprofundar ou sondar tuas resoluções¹⁵. Com efeito, acontece frequentemente que nossos amigos adoecem e agonizam, sem que saibamos, enquanto lhes damos prova de desinteresse e de negligência. Tratando-se de nossos inimigos, ao contrário, vamos quase em busca de seus sonhos. Doenças, dívidas ou brigas conjugais escapam mais facilmente à memória de seus servidores imediatos que à de seu adversário. Mas é sobretudo aos erros que este se prende, e vai ao seu encaicho; e da mesma maneira que os abutres são atraídos pelo odor das carcaças pútridas, mas não sentem o odor dos corpos sãos e vigorosos, assim também as partes de nossa vida que são doentias, fracas, afetadas atraem nosso inimigo; de fato, os que nos demonstram aversão investem contra elas a passos largos, tomam-nas de assalto e despedaçam-nas. É isso então uma coisa efetivamente útil? Sim, sem nenhuma dúvida. Isso obriga a viver com cautela, a prestar atenção em si, a nada fazer nem nada dizer estouvada e irrefletidamente, mas a manter continuamente sua vida resguardada de uma eventual crítica, como se se tratasse de observar um regime draconiano. De fato, essa maneira reservada, que reprime as paixões da alma e refreia os desvios do raciocínio, inspira o cuidado e a

vontade de viver de maneira virtuosa e irrepreensível¹⁶. Com efeito, as cidades, que guerras de vizinhança e contínuas expedições militares tornaram sensatas, chegam a amar boas leis e uma política salutar: da mesma maneira os homens, compelidos por certas inimizades a levar uma vida sóbria, a resistir à facilidade e à presunção, a atribuir um fim útil a cada uma de suas ações, são levados, sem saber, rumo à infalibilidade, e seus costumes adquirem uma regularidade edificante, por pouco que a razão venha em seu auxílio. O pensamento:

“Que prazer para Príamo e os filhos de Príamo!”¹⁷

quando o temos sempre no espírito, desvia, afasta, distancia de tudo o que pode alegrar os inimigos e suscitar seu riso. Considera os artistas que figuram nas Dionisiacas: nós os vemos relaxados e indolentes em representações desprovidas de rigor, quando no teatro estão apenas entre eles; mas todas as vezes que há concurso e rivalidade com outros grupos, eles redobram a atenção não só na interpretação de seus papéis, mas também no uso dos instrumentos de música: afinam-nos, cuidam mais minuciosamente da harmonia do concerto e do acompanhamento das flautas¹⁸. Em conseqüência, aquele que sabe que seu inimigo é um concorrente, tanto no plano da conduta como no da reputação, presta mais atenção em si, olha o efeito de seus atos com circunspeção, regula melhor sua conduta. Com efeito, é igualmente uma

particularidade do vício ter mais vergonha dos inimigos que dos amigos, quando se age mal. Donde esse dito de Nasica¹⁹, quando pessoas pensavam e diziam que o poderio romano estava doravante fora de perigo, após a destruição de Cartago e a sujeição da Grécia: “Pois bem! É agora”, disse ele, “que estamos em perigo, porque não deixamos a nós mesmos rivais que possam inspirar-nos temor ou vergonha.”

A inveja de nossos inimigos é um contrapeso à nossa negligência. Além disso, nós nos vingamos utilmente de um inimigo afligindo-o com o nosso próprio aperfeiçoamento moral.

4. Acrescenta ainda a isso a resposta de Diógenes, tão digna de um filósofo e de um homem de Estado: “Como me defenderei contra meu inimigo? – Tornando-te tu próprio virtuoso.”²⁰ Se vêem que são apreciados os cavalos de seu inimigo e elogiados seus cães, as pessoas lamentam-se. Se vêem suas terras bem cultivadas e seu jardim florido, experimentam uma grande tristeza. Que sucederá, em tua opinião, se dás prova de equidade, de bom senso, de solicitude, de probidade nos discursos, de integridade em teus atos, de decência em tua conduta, “colhendo os frutos em teu coração dos enormes sulcos, teatro de crescimento de nobres desígnios”²¹?

“Vencidos, os homens são acorrentados a seu mutismo”²², diz Píndaro; essa observação não é nem

absoluta nem válida para todos, mas concerne aos que se vêem vencidos por seus inimigos em vigilância, em civismo, em grandeza de alma, em beneficência e em humanidade. Eis o que “paralisa a língua”, como diz Demóstenes, “fecha a boca, sufoca, faz calar”²³.

“Sê diferente dos maus, isso depende de ti.”²⁴

Queres mortificar aquele que te odeia? Não o trates de homossexual, de efeminado, de dissoluto, de truão ou de mesquinho; mas comporta-te realmente como homem, sê moderado, diz a verdade, procede humanamente e com justiça com aqueles que encontras. Mas se crês que és obrigado a chegar às injúrias, afasta-te o mais possível das desordens que lhe atribuis. Sonda o âmago de tua alma, examina suas falhas, para não te expores a ouvir dizer baixinho, por algum vício oculto não se sabe onde em ti mesmo, este verso do poeta trágico:

“Queres curar outrem, quando regurgitas de úlceras!”²⁵

Tu o tratas de ignorante? Redobra em ti o ardor pelo trabalho e o gosto pelas ciências. De covarde? Reaviva tua audácia e tua bravura. De lascivo e de dissoluto? Apaga de tua alma todo vestígio de tendência à volúpia que ela pode ter conservado secretamente. Com efeito, nada seria mais vergonhoso nem mais mortificante que ver recair sobre si a censura que se teria feito a outrem; mas os olhos fracos

parecem ser feridos mais vivamente pela reverberação da luz, e os acusadores pelas acusações que a verdade faz recair sobre eles. Exatamente como o vento do norte reúne as nuvens, uma conduta má atrai a si justas censuras.

*Não atribuamos a outrem
defeitos que possuímos.*

5. Todas as vezes que Platão se tinha encontrado no meio de homens de costumes dissolutos, costumava ao deixá-los dizer a si mesmo: “Não sou eu próprio, por acaso, um de seus semelhantes?”²⁶ Se aquele que censurou amargamente a conduta de um outro examinar logo a sua e a refizer, dando-lhe um desvio e uma direção em sentido inverso, colherá os frutos de suas injúrias. De outra maneira, elas parecerão ser inúteis e vãs, e, com efeito, são. A multidão comumente ri, sem dúvida, se vê um calvo ou um corcunda difamar ou escarnecer um outro sobre suas deformidades, mas é absolutamente ridículo ousar fazer ao próximo uma censura que ele pode fazer voltar contra nós. Assim, Leão de Bizâncio, injuriado por um corcunda a propósito de sua vista fraca, respondeu-lhe: “Atribuis-me a responsabilidade de uma desgraça muito humana, quando trazes sobre tuas costas as marcas da vingança celeste.” Não acuses, portanto, um homem adúltero se és louco pelos jovens, nem um ser dissipador de sua fortuna se és avaro.

“De uma mulher homicida²⁷ és irmão pelo sangue”²⁸, dizia Alcmeão a Adrasto. Que lhe respondeu ele? Censurou-lhe não o crime de um outro, mas o seu próprio crime:

“Por tua mão pereceu a mãe que te fez nascer.”²⁹

Domício diz a Crasso: “E tu, não é verdade que, quando morreu uma lampreia que mandavas alimentar num viveiro, choraste?” O outro então retorquiu: “Mas tu, não é verdade que, por ocasião do enterro respectivo de tuas três mulheres, não derramaste uma lágrima?”³⁰ Crês que para ter direito de censurar basta ser homem de espírito, falar com voz forte e tom categórico? Não, é preciso estar resguardado de toda acusação e de toda censura. Com efeito, a nenhum outro, parece, o deus recomenda tanto a prática do “conhece-te a ti mesmo” como ao homem que se intromete em censurar outrem, recendo que, dizendo tudo o que lhe agrada, se exponha a ouvir coisas que lhe desagradam. Com efeito, segundo Sófocles, “acontece comumente” que tais personagens

“não se dominando em sua vã tagarelice, ouvem empregar contra a sua vontade a linguagem que tinham mantido com prazer sobre um outro”³¹.

Maneiras de receber as censuras de outrem.

6. Eis o que há de útil e de proveitoso nas admoestações que se fazem a um inimigo; mas o fato não é menos verdadeiro em sentido contrário: quando se é vítima das injúrias e das críticas de seus inimigos. Por isso, Antístenes dizia com razão que, para os que se preservam, há necessidade de amigos sinceros e inimigos ardentes: uns nos afastam do mal por suas advertências, os outros, por sua censura³². Mas visto que hoje a amizade só eleva fracamente a voz, quando se trata de falar com franqueza, e que, verbosa na lisonja, é silenciosa nos conselhos, é da boca de nossos inimigos que nos é preciso ouvir a verdade. Com efeito, assim como Télefo, não podendo ser tratado pelos seus, entregou seu ferimento à lança do inimigo, assim também aqueles que não podem usufruir advertências favoráveis devem forçosamente escutar com paciência as censuras de um inimigo³³, se ele denuncia e reprime seus vícios, e deter-se menos na má intenção que o dirige do que no serviço real que ele lhes presta. Um homem queria fazer perecer Prometeu, o Tessálio³⁴. Feriu-o com sua espada e furou um flegmão, de sorte que lhe salvou a vida, livrando-o desse abcesso que se abriu. Tal é muitas vezes o efeito de uma maledicência ditada pela cólera ou pela inimizade: ela cura nossa alma de uma doença insuspeita que tínhamos negligenciado. Mas as pessoas, em sua maior parte, quando são censuradas, não procuram saber se es-

sas reprimendas têm fundamento, mas usam recriminações e acusam seu agressor de um vício diferente. Imitam nisso a artimanha de lutadores em combate com a poeira: no lugar de se livrarem pessoalmente dos defeitos estigmatizados por seus inimigos, borrifam-se mutuamente com eles, de sorte que, na peleja em que sucumbem alternadamente, se acham então enodoados e enegrecidos. Não seria mais razoável, nessas ocasiões, corrigir o vício que nos censuram, com maior cuidado do que se tirássemos de nosso manto uma nódoa que nos tivessem mostrado? Se nos atribuem defeitos que não temos, devemos procurar a causa dessa calúnia, e aplicar-nos, a poder de vigilância e apreensão, em não cometer, sem sabermos, uma falta semelhante ou análoga àquela que nos censuram. Assim, Lacides, o rei de Argos, como sua cabeleira era penteada com demasiado cuidado, e andava com excessiva delicadeza, tornou-se suspeito de frouxidão: o mesmo aconteceu com Pompeu³⁵, que tinha o costume de coçar a cabeça com um dedo só; entretanto, ele estava muito longe de mostrar-se efeminado ou um devasso desenfreado. Acusou-se Crasso³⁶ de manter uma ligação com uma das virgens sagradas³⁷ porque, desejando comprar-lhe uma bela propriedade, lhe fazia uma corte assídua, sem testemunhas, e a cumulava de amabilidades. Postúmia, muito pronta para rir e ousada demais para falar com os homens, foi desacreditada a ponto de ser acusada de impudícia. É verdade que foi inocentada;

mas, ao termo da absolvição, o grande pontífice Espúrio Minúcio fê-la lembrar-se subsidiariamente de que tinha de ser tão reservada em seus discursos quanto em sua conduta. Quanto a Temístocles, que foi reconhecido inocente, tornou-se suspeito de traição em virtude de sua amizade com Pausânias e das cartas freqüentes que ele lhe enviava³⁸.

*Não se devem desprezar as censuras,
mesmo que elas não sejam fundadas.*

7. Em conseqüência, se se diz de ti algo falso, não debes desprezá-lo ou negligenciá-lo, por ser mentira. Examina ao contrário em tuas palavras, tua conduta, tuas atividades de predileção, tuas relações, tudo o que pôde servir de pretexto à calúnia, depois resguarda-te disso e foge! Com efeito, se outros, vítimas de infortúnios imprevistos, tiraram daí lições proveitosas, assim como ensina Mérope:

“O infortúnio, é verdade, deu-me a sabedoria,
mas ao preço de seres caros, objetos de minha ternura”³⁹,

que nos impede de tomar as lições gratuitas de um inimigo e tirar partido disso para aprender uma parcela do que nos escapa? De fato, em muitos pontos a clarividência do inimigo é maior que a do amigo – “o amor é cego a respeito do que ele ama”⁴⁰, como diz Platão; o ódio une a intemperança da língua ao

gosto dos tagarelas. Hieron foi censurado por um de seus inimigos por ter mau hálito; de volta a casa, disse à sua mulher: “Que significa isto? Por que não me falaste jamais a respeito de tal coisa?” Mas ela, que era tão simples quanto casta, respondeu-lhe: “Achava que todos os homens cheiravam da mesma maneira.” Assim, é por nossos inimigos mais que por nossos amigos e familiares que podemos tomar consciência de nossas manias, de nossas fraquezas corporais e de nossos defeitos mais diretamente perceptíveis.

É preciso suportar com doçura as brincadeiras e as maledicências: essa paciência é um meio muito eficaz de aprender a dominar sua língua.

8. Mas deixemos essa questão para tratar do domínio que se deve exercer sobre a própria língua: não está aí uma parte diminuta da virtude. Ora, ficar-se-á impossibilitado de manter sua língua sob o controle e a autoridade da razão se, a poder de exercício e de trabalho assíduo, não se triunfou das mais detestáveis paixões tais como a cólera, por exemplo. O discurso que jorra involuntariamente, a

“palavra que dos dentes transpôs a barreira”,

e o fato de que

“certas expressões levantam vôo espontaneamente”⁴¹,

isso acontece geralmente aos espíritos comuns que seguem sua inclinação e flutuam ao sabor de sua pusilanimidade, de seu julgamento débil, de sua conduta irrefletida. Ora, a palavra, coisa volatilíssima, expõe-nos, como nos ensina o divino Platão, aos mais pesados castigos que deuses e homens podem infligir⁴². Mas o silêncio jamais tem contas a dar; não só não causa sede, como o diz Hipócrates⁴³, mas dá ao homem difamado um traço de nobreza, uma marca socrática, ou mais exatamente uma qualidade heracliana, se é verdade que esse herói

“não se inquietava mais com as calúnias do que com
[uma mosca zumbidora]”⁴⁴.

Nada é mais nobre, seguramente, nada é mais belo que essa atitude tranqüila diante dos insultos do inimigo:

“Suportam-se muitas graças passando
como um marinheiro ao largo dos escolhos”⁴⁵,

mas o exercício aí levado a efeito tem maior mérito. Uma vez acostumado a suportar em silêncio as injúrias hostis, suportarás mais facilmente os arrebatamentos de uma mulher que te injuria, ouvirás sem emoção as palavras ofensivas de um amigo ou de um irmão; e quando teu pai ou tua mãe te derem pancadas ou te lançarem algum objeto no rosto, aceitarás a ofensa sem cólera e sem ressentimento.

Sócrates suportava Xantipa⁴⁶, que era irritável e acrimoniosa, a fim de que o hábito que com isso adquirisse o tornasse mais doce aos outros. Entretanto, é mais belo que seja contra inimigos e estranhos que nos exercitemos em suportar com serenidade as insolências, os arrebatamentos, os motejos, os ultrajes, para habituar nosso humor a permanecer tranquilo e a não se irritar com as injúrias.

A generosidade para com um inimigo é uma propedêutica para a grandeza moral.

9. Doçura e tolerância: eis o que ostentamos em nossas inimizades. Acrescento que nossa retidão, nossa grandeza de alma, nossa bondade podem aí manifestar-se melhor ainda que em nossas amizades: sem dúvida há menos mérito em prestar um serviço a um amigo do que vergonha em recusá-lo, se ele tem necessidade. Sem dúvida não se vingar de um inimigo, quando a ocasião se apresenta, é humanidade! Mas compadecer-se dele quando está prostrado e assisti-lo quando está na miséria, ter atenções para com seus filhos e ocupar-se de seus interesses que periclitam, o homem que não sente a generosidade de uma tal conduta, que não louva essa virtude, esse,

“de aço ou de ferro é forjado seu coração negro”⁴⁷.

Quando César ordenou que fossem reerguidas as estátuas triunfais de Pompeu que tinham sido lançadas por terra, Cícero disse-lhe: “Reerguendo as estátuas de Pompeu, consolidaste as tuas.”⁴⁸ Em conseqüência, não se deve ser avaro de louvor ou de homenagem a seu inimigo, quando ele merece a reputação que se quer atribuir-lhe. Os que exaltam são mais exaltados; e as censuras dirigidas a um desses uma outra vez inspiram mais confiança, visto que parecem ditadas não pelo ódio do homem, mas pela reprovação de sua conduta. Mas o que há de mais belo e de mais útil é que, tomando o hábito de louvar nossos inimigos, de nos defender de todo rancor e de toda tortura à vista de seu sucesso, nos afastamos mais dessa inveja que excitam em nós com muita freqüência a felicidade de nossos amigos e o sucesso de nossos familiares. Ora, que outro exercício é mais útil para a alma, e melhor a dispõe, que aquele que extingue em nós todo instinto de rivalidade e inveja? Com efeito, assim como na guerra há todas as espécies de necessidades, aliás más, que, tornadas costumes e tendo força de lei, não podem ser facilmente suprimidas, mesmo quando nos contrariam; do mesmo modo a inimizade, pela única razão de introduzir em nós, juntamente com o ódio, um sentimento de inveja, deixa em depósito na sua passagem a desconfiança e o regozijo que vêm do infortúnio dos outros, o rancor enfim⁴⁹. Além disso, quando a maldade, a astúcia, o gosto da intriga, que não parecem ser coisas condenáveis ou iní-

quas com respeito a um inimigo, se insinuam em nossa alma, aí permanecem sem que possamos nos desfazer deles; e o hábito faz que, não sabendo nos preservar de tais defeitos com respeito a nossos inimigos, os empregemos mesmo contra nossos amigos. Se então Pitágoras⁵⁰ tinha razão quando, em seu desejo de habituar os homens a se absterem de toda a violência e de toda exigência cúpida diante dos animais privados de razão, obtinha dos passarinheiros por seus pedidos, e dos pescadores pela compra de suas presas, a liberdade dos pássaros e dos peixes que eles tinham capturado, e proibia matar todo animal doméstico, é certamente bem mais honroso ainda, nas discussões e nas rivalidades que instigam os homens, ser um inimigo generoso, justo e leal, reprimir seus maus impulsos, baixos e perversos, depreciá-los, a fim de ficar inabalável nas relações com os amigos, e abster-se de todo prejuízo contra eles. Escauro, inimigo de Domício, instaurou um processo contra ele. Um servidor de Domício veio procurá-lo, antes que ocorresse o veredicto, parecendo ter para revelar-lhe algum fato que este não conhecia. Escauro não o deixou pronunciar uma única palavra, fez que o detivessem e o mandassem a seu senhor⁵¹. Catão acusava Murena de trama política. Enquanto recolhia as provas, as pessoas, segundo o costume, acompanhavam-no para observar seus atos e não paravam de lhe perguntar se ele tinha a intenção de fazer naquele dia alguma investigação relativa à acusação. Se respon-

dia pela negativa, retiravam-se plenamente confiantes. Era como dar-lhe uma demonstração manifesta do considerável conceito que se tinha de sua probidade. Mas há um testemunho ainda maior e o mais belo de todos: é que, quando nos habituamos a ser justos mesmo para com nossos inimigos, ficamos certos de que jamais seremos acusados de injustiça e de má-fé para com nossos íntimos e nossos amigos.

Prestar homenagem ao mérito de seus inimigos é prestar homenagem ao seu próprio mérito e habituar-se a não ver com inveja a superioridade de seus amigos. É preciso sermos generosos com nossos inimigos, a fim de virmos a sê-lo, com mais prazer e mais assiduidade, com aqueles que amamos. Em suma, os inimigos são um exutório para o mal e um modelo para o bem.

10. Mas pois que, segundo Simônides, “toda cotovia poupada deve ter seu penacho”⁵², e que toda natureza humana comporta em si mesma rivalidade, ciúme e inveja “que corteja os visionários”⁵³, não seria prestar a si mesmo um medíocre serviço aprender a se libertar dessas paixões, lançando-as sobre seus inimigos, e desviar, por assim dizer, seu fétido escoamento⁵⁴ para longe de nossos companheiros e de nossos íntimos. É o que parece ter compreendido um homem político de nome Demo; após uma revolução que tinha trazido o triunfo de

seus partidários, aconselhou-lhes não banir todos os cidadãos que tinham professado opiniões contrárias, mas poupar alguns deles, “para que”, dizia, “não começássemos a questionar com nossos amigos quando nos tivéssemos livrado de todos os nossos adversários”. Paralelamente, se extinguírmos em nós essas paixões, excitando-as contra nossos inimigos, importunaremos menos nossos amigos. Com efeito, não é preciso “que o oleiro queira mal ao oleiro”⁵⁵, segundo Hesíodo, nem “cantor ao cantor”; e não é preciso também sentirmos inveja de um vizinho, de um parente, de um irmão “apressado em fazer fortuna” e que encontra a prosperidade. Mas se não tens nenhum meio de libertar tua alma das disputas, das invejas, das rivalidades, habitua-te a sentir mordeduras apenas do sucesso de teus inimigos. Ergue contra eles o dardo de tua amargura, amola-o e aguça-o. De fato os bons jardineiros, com a intenção de embelezar rosas e violetas, plantam em sua proximidade alho e cebolas que atraem a substância cujo mau cheiro e amargor poderiam prejudicá-las. Do mesmo modo, quando se lançam sobre um inimigo sua inveja e sua maldade, serena-se diante dos amigos e sente-se menos angústia com seu sucesso. É ainda por essa razão que gostamos de competir com nossos inimigos em glória, poder, proventos honestos, sem nos limitarmos a esse definhamento do despeito, se eles têm algumas vantagens a mais que nós, e empenhando-nos em ultrapassá-los em vigilância, em energia laboriosa, em tempe-

rança e em autocontrole, à semelhança de Temístocles que dizia que a vitória de Milcíades em Maratona não o deixava dormir⁵⁶. Aquele que se crê ultrapassado pelo seu inimigo no foro, nas funções públicas, na gestão dos negócios do Estado, ou junto de seus amigos e dos poderosos, deixa-se arrastar ao rancor e ao completo desencorajamento, em vez de agir e ostentar rivalidades: para terminar, ele soçobra na ociosidade estéril do homem invejoso! Ao contrário, aquele que não fica cego diante de um inimigo execrável, mas submete a um exame equitativo sua vida, seus costumes, suas palavras, seus atos, reconhecerá quase sempre que essa superioridade, invejada por ele próprio, provém da rapidez, da previdência e da sabedoria da conduta de seu adversário. Então, para ser igual a este em amor da glória e do belo, ele redobrará os esforços e lançará para longe a indolência e a moleza.

*Os vícios dos inimigos tornam nossas
virtudes mais caras.*

11. Se, ao contrário, é por lisonjas, artifícios, corrupções ou traições que nossos inimigos parecem ter conquistado, na corte dos príncipes e no governo, um poder legítimo e escandaloso, não nos afligiremos com seu crédito; e será antes uma satisfação para nós comparar sua conduta com a nossa própria

independência, e uma vida pura, isenta de censuras. Com efeito, “todo o ouro que está sobre a terra e sob a terra tem menos valor que a virtude”⁵⁷, diz Platão, e deve-se ter sempre no espírito estes versos de Sólon:

“Pelos bens do mundo trocar a virtude?
Não, jamais!”⁵⁸

Acrescentarei: “nem pelas aclamações com que nos incensam os parasitas no palco da vida, nem pelas honrarias e preeminência nos círculos de eunucos, de devassos e de sátrapas ao serviço dos potentados”. Com efeito, nada é invejável, nada é belo, se nasce da desonra. Mas, pois que “o amor é cego para o que ele ama”⁵⁹, como diz Platão, e visto que nossos inimigos nos fazem bem mais sofrer a torpeza do vício por seus próprios desregramentos, não devemos deixar estéreis nem o prazer que nos dão seus erros, nem o desgosto lúgubre que seus bons êxitos excitam em nós; em conseqüência, apoiemo-nos nesse duplo exemplo para nos tornarmos melhores que eles evitando sua perversidade, e para rivalizar com seus sucessos sem imitar suas maldades.

***DA MANEIRA DE DISTINGUIR
O BAJULADOR DO AMIGO***

*O amor-próprio é o começo da bajulação,
prática irreligiosa por excelência.*

1. Quando um homem dá sem cessar, em palavras, provas de amor-próprio, meu caro Antíoco Filopapo¹, Platão observa que todos o desculpam; entretanto esse sentimento, acrescenta ele, entre uma plethora de vícios muito diferentes, contém um muito importante que impede que ele tenha sobre si mesmo um julgamento íntegro e imparcial. “Com efeito, o amante é cego a respeito do que ele ama”², a menos que tenha aprendido, por um estudo especial, a habituar-se a apreciar e procurar o belo, de preferência ao inato e ao familiar. No seio da amizade eis que se abre ao bajulador um vasto campo de ação: nosso amor-próprio é para ele um terreno de acesso inteiramente propício à investigação sobre nós; por causa desse sentimento, cada um de nós é o primeiro e o maior adulator de si próprio, não hesitando em confiar no bajulador estranho de quem espera ter a aprovação para confirmar suas crenças

e desejos. Com efeito, aquele que é acusado de gostar da bajulação não passa de um homem perdidamente enamorado de si³, que, pela paixão que a si mesmo dedica, deseja e crê possuir todas as qualidades; ora, se o desejo é natural, a crença é, entretanto, arriscada e reclama bastante circunspeção. Mas, supondo-se que a verdade seja divina e seja, segundo Platão, o princípio “de todos os bens para os deuses e de todos os bens para os homens”⁴, o bajulador está muito arriscado a ser inimigo dos deuses e sobretudo do deus Pítico, pois não deixa de estar em contradição com o “conhece-te a ti mesmo”, iludindo cada um quanto à sua própria pessoa e tornando-o cego, no que diz respeito a si mesmo, e às virtudes e aos vícios que lhe concernem, pois torna as primeiras imperfeitas e inacabadas, os outros, totalmente incuráveis.

O bajulador, esse parasita das naturezas nobres, está atento aos reveses da sorte.

2. Se nessas condições o bajulador, como qualquer outra corja, atacasse ordinariamente ou essencialmente as naturezas vulgares e medíocres, seria menos temível, e mais facilmente nos defenderíamos dele. Mas, assim como os vermes penetram de preferência nas madeiras tenras e odoríferas, da mesma maneira são os corações generosos, honestos e bondosos que acolhem o bajulador e o nutrem, quando se prende

a eles. Não é tudo: como disse Simônides, “a criação dos cavalos não supõe uma Zacinto mas terras férteis”⁵; assim a bajulação evidentemente não acompanha os indigentes, os anônimos ou os desprovidos de recursos, mas faz que periclitem e se destruam as casas e as empresas importantes, chegando mesmo, com freqüência, a derrubar as realezas e os impérios. Assim, não é uma questão irrisória a exigir apenas uma migalha de previdência o espreitar suas manobras para apanhá-la em flagrante e impedi-la de prejudicar e de tornar suspeita a amizade. Os parasitas, com efeito, afastam-se dos moribundos e abandonam os cadáveres em que se coagula o sangue de que se nutrem; quanto aos bajuladores, eles desdenham o relacionamento com o que existe de árido e glacial, mas, seduzidos pela glória e pelo poder, fartam-se disso e fogem o mais depressa possível, quando a roda da fortuna muda de posição⁶.

Mas deve-se evitar esperar até a realização dessa experiência, que é inútil, ou, antes, prejudicial e perigosa: é triste, quando chega o momento de recorrer a seus amigos, perceber que não são amigos e que não é possível trocar um coração desonesto e pusilânime por um coração sincero e constante. Ora, o amigo é como peças de moeda: é preciso pô-lo à prova antes de recorrer a ele, e não esperar que seja esse recurso que nos desiluda⁷. Com efeito, não é após ter sido enganado, mas precisamente para não sê-lo, que devemos pôr à prova e desmascarar o ba-

julador; sem isso teremos a mesma sorte que aqueles que degustam antecipadamente venenos mortais e só julgam seu efeito à custa de sua saúde e sua vida⁸.

De fato, não louvamos esses imprudentes assim como não aprovamos aqueles homens⁹ que, admitindo por princípio que um amigo deve unicamente buscar o honesto e o útil, crêem, quando se dá prova de amenidade nas relações com as pessoas, que se recebe imediatamente a acusação de ser bajulador. Um amigo não poderia ser nem duro, nem intratável, e não é a acrimônia nem a austeridade que fazem a nobreza da amizade. Ao contrário, essa dignidade mesma e essa beleza que a caracterizam consistem em sua doçura e em seus encantos.

“É perto dela que as Graças e o Desejo habitam”¹⁰,

aliás não é somente para os infelizes, como diz Eurípides,

“que é doce, fitando seu amigo, encontrar seus olhos”¹¹;

mas a amizade acrescenta tanto prazer e encanto aos sucessos quanto tira sofrimento e embaraços dos reveses. E, segundo disse Eveno, assim como o fogo é o melhor dos condimentos¹², da mesma maneira, misturando a amizade à vida, a divindade espalhou brilho, doçura e ternura por toda a parte em que a amizade colabora com o prazer. Com efeito, se a amizade não mostrasse nenhuma condescendência em

sua relação com o agradável, seria difícil compreender por que o bajulador procuraria insinuar-se entre nós através dos prazeres. Mas, de fato, a exemplo do ouro falso ou do metal de baixo quilate, esses sucedâneos do brilho e das cintilações do ouro verdadeiro, o bajulador, imitando a doçura e a boa vontade do amigo, cuida de parecer sempre divertido e expansivo: não se opõe a nada, jamais contradiz. Não se deve, então, desde que alguém nos louve, suspeitar de que deseja nos bajular, pois o elogio é tão conveniente para a amizade quanto a censura no momento oportuno. Digo mais: um excesso de acrimônia ou de azedume não se concilia nem com a amizade nem com a urbanidade. Ao contrário, quando a benevolência concede com liberalidade e solícitude os elogios devidos ao bem, recebem-se pacientemente e sem tristeza admoestações e reprimendas plenas de franqueza, que são ouvidas com confiança e acolhidas com reconhecimento, na convicção de que são necessárias, pois que vêm de um homem que louva tão prazerosamente quanto censura contra sua vontade.

É difícil distinguir do amigo o hábil bajulador.

3. “É, portanto, difícil”, pode dizer alguém, “distinguir do amigo o bajulador”, se nem o prazer nem o elogio são o critério distintivo entre eles, pois em matéria de amabilidades e pequenas liberdades a bajulação evidentemente vai mais longe que a amizade; responderemos: Por que então? Não é um tra-

balho de fôlego ir no encalço do verdadeiro bajulador, daquele que sabe exercer seu ofício com talento, como homem hábil, e não prodigalizar esse nome, como faz a maior parte dos homens, a esses “parasitas”, a esses “papa-jantares” ou a essas pessoas que, como dizia alguém, fazem ouvir sua voz somente após a ablução das mãos¹³? Essas pessoas, não estamos inclinados a olhá-las como bajuladoras: o aviltamento de seu caráter manifesta-se desde o primeiro serviço, após o primeiro copo, através de alguma pilhéria ou alguma indecência. Teria sido inútil, por exemplo, desmascarar Melântio, parasita de Alexandre de Feras, que quando lhe perguntavam de que maneira Alexandre tinha sido apunhalado não se envergonhava de responder: “com um golpe que lhe atravessou o flanco e que visava ao meu estômago”¹⁴; o mesmo acontece com esses assediadores¹⁵ que giram sem cessar em torno de uma mesa bem provida, e que “nem a chama, nem o ferro, nem o bronze poderiam afastar de um jantar”; ou então ainda com essas adadoras cipriotas que, após terem passado pela Síria, foram apelidadas *escabelos*¹⁶, porque vergavam a espinha para ajudar as esposas dos reis a subirem no carro.

*Os mais hábeis são os que sabem dissimular:
dificilmente são identificados.*

4. Qual é então o bajulador de quem se deve desconfiar? Seria aquele que não quer parecer nem se

confessar tal, aquele que não é jamais surpreendido em furtos em volta das cozinhas, que não é apanhado de improviso enquanto mede as sombras e calcula a hora do jantar, que não cai morto de bêbedo na primeira ocasião? De fato, o verdadeiro bajulador, na maior parte do tempo, cultiva a abstinência ao mesmo tempo que a intriga: crê dever imiscuir-se em vossas atividades, quer partilhar vossos segredos; em suma, desempenha seu papel de amigo como trágico e não como bufão¹⁷ ou ator cômico. Com efeito, diz Platão¹⁸, “o cúmulo da injustiça é querer passar por justo sem ser”. Deve-se igualmente considerar que a mais perniciosa bajulação não é a que se mostra, mas a que se oculta, nem a que diverte, mas a que é séria: pois ela torna suspeita a verdadeira amizade, com a qual acontece frequentemente confundir-se, se não se toma cuidado. Gó-brias, num dia em que perseguia o Mago, caiu num cômodo escuro e travou-se aí um duelo árduo; ora, vendo que Dario se mantinha lá, na expectativa, gritou-lhe que desferisse golpes, mesmo com o risco de perfurar os dois¹⁹. Mas nós, que não podemos de maneira alguma adotar o provérbio *pereça o amigo com o inimigo*²⁰, se desejamos arrancar do bajulador essa máscara de amizade que é para ele aparentemente consubstancial, temos de temer sobretudo dois riscos: repelir o útil ao mesmo tempo que o mau ou expor-nos a algum dissabor, poupando o objeto de nossa afeição. De fato, assim como de todas as sementes selvagens que, na peneira, se acham misturadas ao frumento, as mais difíceis de separar

são as que se assemelham a ele por sua forma e seu tamanho (visto que não caem separadamente se os orifícios da peneira são muito estreitos, e que passam com o resto, se as malhas são demais flexíveis²¹), da mesma maneira é muito difícil fazer distinção entre uma e outra, a tal ponto a bajulação quer tomar parte em cada emoção, cada movimento, cada prática e cada hábito da amizade.

Astúcias do bajulador.

5. A amizade é o que há de mais doce no mundo e nada nos traz mais alegria; eis por que o bajulador usa dos prazeres para fins de sedução e é o homem dos prazeres. É igualmente porque a vontade de obsequiar e de se tornar útil caminha na esteira da amizade (a ponto de um amigo, diz-se, ser mais indispensável que o fogo e a água) que o bajulador, entregando-se aos bons ofícios, se dedica sem cessar a ostentar zelo, diligência e prontidão. O que fundamenta antes de tudo a amizade é a identidade dos regimes de vida e a semelhança dos costumes²²; e, geralmente, a similitude dos gestos e das aversões é a primeira coisa que nos liga e nos prende, através das sensações. O bajulador percebe-o perfeitamente; e, como um objeto que se talha²³, ele se transforma e se modela, adaptando-se e conformando-se, por imitação, àqueles de quem procura ganhar o coração. Flutuante em sua metamorfose e convincente em suas imitações, ele poderia fazer pensar nesta

frase: “Não! Não és o filho de Aquiles, mas o herói em pessoa.”²⁴ Mas eis o que em toda artimanha é o mais hábil: o que se chama, certamente, de linguagem franca ele observa que é a linguagem característica da amizade, como se falaria da linguagem própria de uma criatura, enquanto a falta de franqueza denota, segundo ele, indiferença e baixeza. E sem negligenciar essa imitação das aparências, a exemplo desses cozinheiros talentosos que, para evitar a repugnância dos molhos adocicados, se servem de um condimento de sucos picantes e amargos, os bajuladores afetam uma sinceridade que não é nem espontânea nem salutar, que nos lança um clarão ameaçador, no espaço de um franzir de sobranceiras, e só o que faz é afagar o amor-próprio. Assim, a personagem dificilmente é surpreendida e assemelha-se àqueles animais que, tendo a faculdade de mudar de cor, tomam a da matéria ou do lugar em que se encontram. Mas, como o bajulador nos ilude, como se cobre com um manto de aparência enganosa, cabe-nos desmascará-lo, assinalando as diferenças que o caracterizam, e desnudá-lo, a ele “que se enfeita”, como diz Platão, “de cores e formas de empréstimo, na falta das que lhe são próprias”²⁵.

A semelhança dos gostos está na origem da amizade: o bajulador a dissimula.

6. Examinemos, pois, a questão desde o início. A fonte da amizade, nós o afirmamos, é geralmente um

temperamento e uma natureza que reagem em concordância, que apreciam atitudes e hábitos²⁶ morais de mesmo valor e que se comprazem nas mesmas atividades, nas mesmas questões, nos mesmos divertimentos. É a propósito disso que se diz:

“O velho ao velho por seus discursos sabe agradecer, e a mulher à mulher, e a criança à criança, o doente ao doente; e, quando o indigente encontra seu semelhante, sente menos sua miséria.”²⁷

Sabendo²⁸ que é no prazer advindo de objetos semelhantes que as relações da amizade e da afeição têm sua origem, o bajulador trata primeiro de aproximar-se de cada um por esse meio e de se instalar a seu lado, a exemplo daquele que aproveita o espaço de algumas pastagens para domesticar um animal selvagem²⁹. Adianta-se insensivelmente fingindo ter as mesmas atividades, os mesmos lazeres referentes a disciplinas idênticas, os mesmos cuidados, os mesmos modos de vida, depois ele se imbui disso até que o outro largue mão, se deixe amansar e aceite sem pesar sua mão acariciante. Ele não cessa de censurar tudo o que julga desagradável ao outro, ocupações, maneiras de vida, indivíduos; e apresenta-se, pelo contrário, como louvador do que faz o deleite de sua vítima, mas seu elogio, que não cai na moderação, soçobra sobretudo na hipérbole e no encantamento entusiasta. Em último lugar, ele reforça as admirações e as antipatias que finge ter, atribuindo-as mais à razão que à paixão.

Inconstante e volúvel, tal é o bajulador.

7. Como então desmascará-lo? E por quais matizes distinguir aquele que não é nem se tornou nosso semelhante, e entretanto quer passar por tal? Primeiro, é preciso examinar se seus princípios são duráveis e inabaláveis; se ele se compraz sempre com as mesmas coisas, e se as aprova; enfim, se sua vida é regrada, e dirigida num mesmo e único plano, como convém ao que procura, guiado por seu livre-arbítrio, uma amizade apoiada na conformidade dos costumes e dos caracteres, pois tal é o verdadeiro amigo. Quanto ao bajulador, como homem cuja psicologia não tem consistência, ele leva uma vida apoiada na exigência de um outro e não na sua própria exigência; e é na imitação desse outro que se acomoda e se modela; por isso, longe de ser simples e uno³⁰, é múltiplo e variado, inconstante como um fluido que é transvasado e que, passando de uma forma para uma outra, muda de contornos e de configuração segundo o recipiente que o recebe. O macaco³¹ empenha-se em imitar o homem e deixa-se apanhar quando se agita e se saracoteia em sua presença; quanto ao bajulador, ele engana os outros e os apanha na armadilha de um mimetismo que, longe de ser uniforme, o leva a cantar e a dançar com um, ou a lutar e cobrir-se de poeira com o outro. Se quer agradar àquele que só gosta de caça e de cães, segue o seu rasto, quase bradando como Fedra:

“Sim, estou impaciente, ó grandes deuses, por atiçar
[com a voz
e instigar minha matilha contra cervos em desespero!”³²

De fato, não se importa com a caça, é o caçador que ele persegue e quer prender em sua rede. Se ele persegue em compensação um jovem letrado e estudioso, não deixa mais os livros, sua barba desce até aos pés, seu único cuidado é ostentar o burel e a indiferença do filósofo³³, tem sem cessar na boca os números e os triângulos retângulos de Platão. Mas se se apresenta por sua vez um indolente, bebedor e, além disso, rico,

“Então o judicioso Ulisses se despojou de seus
[andrajos”³⁴,

o burel é arremessado, a barba é escanhoadada como uma seara estéril. Já só se cuida de baldes para refrigerar, taças, risos nos passeios e escárnios contra os filósofos. Assim, diz-se, quando Platão chegou outrora a Siracusa, e a mania inveterada da filosofia se tinha apoderado de Dionísio, o palácio estava tomado pela poeira que uma multidão de geômetras amadores levantava; mas, depois que Platão caiu em desgraça e que Dionísio, enfasiado da filosofia, tornou a cair em sua paixão do vinho, das mulheres, das frivolidades e da libertinagem, todos os seus cortejadores, metamorfoseados como por um filtro de Circe, retornaram à ignorância, à negligência e à

estupidez. Tal foi igualmente a conduta desses mestres na bajulação e desses demagogos³⁵ cujo modelo incontestável foi Alcibiades: em Atenas, ele representava os trocistas, criava cavalos, e levava uma vida cheia de jovialidade e elegância; na Lacedemônia, tinha a cabeça rapada, usava um manto gasto e tomava banhos frios; na Trácia, guerreava e entregava-se à bebida; e, quando chegou à corte de Tisafernes, rendeu-se à volúpia, à efeminação e à jacântia! De toda maneira, ele bajulava o povo e obtinha os favores de todos, identificando-se com eles e adaptando-se a seus costumes. Bem diferentes foram Epaminondas e Agesilau; embora tivessem estado em contato com um grande número de homens, cidades e costumes, permaneceram fiéis a seu estilo pessoal, na arte de se vestir, em seu regime alimentar, em seus hábitos languageiros e em seu modo de vida. Da mesma maneira, Platão foi em Siracusa tal qual na Academia, e perante Dionísio tal qual perante Díon.

Como discernir o bajulador: primeiro indício de reconhecimento, as variações.

8. Mas é muito fácil reconhecer as metamorfoses desse polvo que é o bajulador³⁶: é preciso que a própria pessoa afete inconstância, censurando o gênero de vida que antes louvava e aceitando, como sob o império de um súbito entusiasmo, atividades, com-

portamentos, maneiras de falar que desaprovava. Ver-se-á efetivamente que ele não tem nada de constante, nada que lhe seja particular, e que não é através do prisma de uma afeição pessoal que ama ou odeia, que se alegra ou se aflige; ao contrário, ver-se-á que reflete, como um espelho, a imagem das paixões, dos comportamentos e atividades de outrem. Queixas-te de um amigo em sua presença? Ele é capaz de responder por exemplo: “Tardaste em desmascarar esse indivíduo; quanto a mim, antes já me desagradava!” Mas se, inversamente, mudas de opinião e o cobres de elogios então, por Zeus, objetará impetuosamente: “Compartilho tua satisfação, felicito-te por essa criatura e faço-o no meu próprio nome, pois tenho plena confiança nele!” Falas em mudar de vida, por exemplo em deixar a vida política pelo repouso e pela tranqüilidade: “Há muito tempo”, diz ele, “pensei que devíamos nos afastar do tumulto e da malevolência.” Mas pensas em lançar-te de novo na carreira política, em retornar ao foro? Como teu eco ele diz: “Eis sentimentos dignos de ti; o ócio não é sem encanto, concordo, mas é pouco glorioso, e aviltante!” É preciso, então, dizer logo a um tal indivíduo:

“Vejo-te, estranho, diferente de há pouco!”³⁷

Que devo fazer de um amigo que segue todos os meus movimentos e que opina sem cessar de acordo comigo: minha sombra nesse particular faz isso

melhor que ele. Quero alguém que procure comigo a verdade e me ajude a decidir. Aí está, portanto, uma das maneiras de reconhecer o bajulador.

Segundo indício: o bajulador confunde todos os valores morais.

9. Mas, vizinha dessas tentativas de identificação com suas vítimas, há uma outra diferença do mesmo estilo que é preciso observar: o verdadeiro amigo não é um imitador patente de tudo o que nos concerne, nem um louvador arrebatado: louva somente o referente ao melhor. E como diz Sófocles ele é feito para

“compartilhar nosso amor, mas não nosso ódio”³⁸,

e, grandes deuses, para compartilhar conosco sucessos dignos e um amor do belo, sem ser por isso o cúmplice de nossos erros e nossas fraquezas. E, entretanto, quem sabe se – fato corrente em caso de oftalmia – um fluxo contagioso, resultante da convivência com outras pessoas e da vida em comum, não vos encherá a contragosto de maus hábitos e erros. Assim, os íntimos de Platão, pelo que se diz, imitavam seu dorso arqueado, os de Aristóteles faziam-se gogos à semelhança dele, e os do rei Alexandre inclinavam a cabeça e falavam com voz rouca na conversação. É bem verdade que alguns indivíduos se pautam à porfia e de maneira inconsciente pelos costumes

e maneira de viver daqueles que freqüentam. Mas, quanto ao bajulador, ele é inteiramente semelhante ao camaleão, que pode assumir todas as cores exceto a branca; e, se não lhe é possível chegar a uma exata parença nos domínios dignos de sua obstinação, não deixa de imitar tudo o que é vil. A esse respeito, os pintores sem talento, cujo pincel é incapaz de reproduzir os belos traços, detêm-se na minuciosa representação das rugas, efélides e cicatrizes. À semelhança desses, o bajulador finge reproduzir a intemperança de seu modelo, sua superstição, sua cólera, sua aspereza para com os domésticos, sua desconfiança contra os familiares e os próximos, pois suas inclinações naturais o levam espontaneamente ao vício, e ele nos imita de propósito no mal, para parecer, ainda menos, que pensa censurar-nos por isso³⁹. Com efeito, todo aquele que não se prende a um ideal de virtude é suspeito de odiar e condenar os erros de seus amigos: suspeita que causou sozinho a perda e a ruína total de Díon no espírito de Dionísio, de Sâmio no de Filipe, de Cleômenes no de Ptolomeu. Mas o bajulador que quer ser semelhante a nós, e mais ainda parecê-lo, sabe agradarnos e ganhar nossa confiança. Apóia-se no que chama seu inteiro devotamento a não censurar o vício e a simpatizar conosco e partilhar nossas afinidades em todas as coisas. Os adulares, portanto, não querem ficar alheios nem mesmo ao que é involuntário ou casual. E, quando fazem sua corte aos

doentes, fingem sofrer as mesmas doenças, simulando vista fraca ou difícil audição, se os que eles frequentam são quase surdos ou não vêem absolutamente nada. Assim, os bajuladores de Dionísio, quando sua vista começou a enfraquecer, andavam aos encontrões entre eles e, à mesa, derrubavam os pratos. Alguns vão mais longe no trabalho: querem transformar-se até ao âmago da alma e impregnar-se das mais íntimas e secretas paixões dos homens que bajulam. Informados de uma infelicidade conjugal ou de desavenças com filhos ou domésticos, logo, sem poupar a si mesmos, eles se lamentam da aflição que lhes causam seus próprios filhos, sua mulher, seus parentes e seus amigos, e fazem novas censuras, sob a forma de confidências. A semelhança, com efeito, consolida a comunidade dos sentimentos e, depois de ter de alguma maneira recebido garantias, faz-se aos bajuladores alguma confissão secreta; desde então um relacionamento se estabelece entre os interessados e teme-se perder a confiança. De minha parte conheço um bajulador que repudiou sua mulher sob o pretexto de que seu amigo tinha mandado embora a sua. Mas, como continuava a vê-la secretamente e a receber suas visitas, sua artimanha foi descoberta: foi a mulher do amigo que a desvendou. Assim, era preciso conhecer muito mal o bajulador para pensar que os jambos seguintes lhe convinham mais que ao caranguejo:

“todo seu corpo não é senão ventre e seus olhares
[perspicazes
penetram em toda parte; ele rasteja com seus dentes”⁴⁰;

pois aí está o retrato do parasita, o retrato

“de um desses amigos de frigideira e de pós-refeição”,
como diz Êupolis⁴¹.

Terceiro indício: ele se deixa ultrapassar.

10. Mas, quanto a esse assunto, atenhamo-nos à parte do nosso tratado que lhe é reservada. Há todavia, em matéria de imitação, um artifício do bajulador que não devemos omitir: embora imite alguma boa qualidade, deixa à sua vítima a preeminência, pois os verdadeiros amigos não são animados mutuamente de nenhuma rivalidade, de nenhum ciúme: quaisquer que sejam seus sucessos, iguais ou desiguais, eles não concebem nem impaciência nem orgulho. Mas o bajulador, sempre atento a desempenhar apenas um papel secundário, não aspira jamais à igualdade e confessa que é ultrapassado e precedido em tudo, exceto no mal, pois então ele disputa o primeiro lugar. Estais de mau humor? Ele se diz melancólico. Sois supersticioso? Ele se diz fanático. Estais enamorado? Ele está louco de amor. “Ristes inoportunamente?”, diz ele, “mas eu, quase

rebentei de rir.” Nas qualidades louváveis, é o contrário: ouve-se dele que “é rápido na corrida, mas vós tendes asas”, “sabe manejar seu cavalo, mas ele não é nada em comparação a um centauro tal como vós”, “tenho inspiração poética”, dirá ele, “e compo-nho suficientemente bem o hemistíquio,

mas não tenho o raio que é próprio de Zeus”⁴²,

pois ele pensa ao mesmo tempo valorizar o gosto de seu interlocutor, imitando-o, e prestar homenagem a seu talento superior, cedendo-lhe a palma. Tais são os traços distintivos que separam o bajulador do amigo, no mundo da imitação.

O objetivo da bajulação: agradar a todo o custo.

11. Mas, visto que o prazer, como foi dito, é um fator comum (pois o homem de bem se regozija com seus amigos tanto quanto o corrupto com seus bajuladores), tentemos fazer também neste ponto a distinção. Ela consiste em relacionar o prazer com o seu fim. Considera o problema sob este ângulo: o perfume e o antídoto têm ambos uma doce fragrância, com a diferença de que um é bom apenas para agradar ao olfato, enquanto o outro, essencialmente purgativo, calorífero ou cicatrizante, é apenas casualmente odorífero. Outro exemplo: os pintores obtêm por mistura cores e tintas brilhantes, mas há

também drogas medicinais cujo aspecto é brilhante e cuja cor nada tem de desagradável. Onde está então a diferença? Evidentemente será a finalidade de seu emprego que nos fará distingui-los. Da mesma maneira, os atrativos que presidem à amizade, além de comportarem nobreza e utilidade, têm um encanto que é como sua flor, e ora um divertimento, a mesa e o vinho, ora, por Zeus, o riso e as conversas galhofeiras serviram por assim dizer de condimento para assuntos honestos e sérios! É o que faz um poeta dizer:

“Deleitavam-se uns com os outros em assuntos alegres”⁴³

e

“que outra desavença, perturbando nossos dois corações, teria alterado as doçuras de uma amizade tão terna?”⁴⁴.

Mas, quanto ao bajulador, seu trabalho, seu único propósito é preparar e tramar cautelosamente um gracejo, real ou verbal, por prazer ou para o prazer. Em resumo, ele crê dever fazer tudo para ser agradável, enquanto o amigo, realizando sempre o necessário, é freqüentemente agradável, mas é também causa de desprazer⁴⁵. Não que deseje ser desagradável, mas, se vê que é melhor sê-lo, também não recua nem diante dessa necessidade.

Com efeito, assim como um médico, no caso de ser útil, aplica o açafraão e o nardo⁴⁶ e, por Zeus, pres-

creve muitas vezes banhos agradáveis ou uma alimentação saborosa, mas por vezes deixa de lado esses remédios e vos enche de castóreo⁴⁷

“ou de pólio⁴⁸ malcheiroso, de odor fétido”,

ou vos obriga a beber eléboro em pó sem ter a intenção de vos prejudicar, tanto como não tinha desejado antes vos agradar, pois que, num caso como no outro, o interesse de vossa saúde é que o tenha guiado; da mesma maneira, o amigo saberá às vezes te prodigalizar elogios e discursos gentis para te conduzir ao bem, como faz este:

“Teucro, criatura amada, filho de Télamon, chefe de
[guerreiros,
arremessa assim tua lança...”⁴⁹,

ou este outro:

“Como poderia te esquecer, depois disso, caro Ulisses?”⁵⁰

E, quando houver necessidade de corrigir, de atacar com uma palavra incisiva e uma franca liberdade cheia de solicitude, ele não hesitará em dizer:

“Filho de Zeus, Menelau, estás perdendo a razão?
Não é a ti que convém tal loucura...”⁵¹

Há mesmo certas ocasiões em que o amigo une o gesto à palavra: assim Menedemo⁵², vendo que o

filho de seu caro Asclepiades levava uma vida de devassidão e libertinagem, reconduziu-o à ponderação, fechando-lhe sua porta e recusando-lhe o cumprimento. Da mesma maneira Arcesilau proibiu a entrada em sua escola a Bâton, que, numa comédia, tinha inserido um verso satírico contra Cleantes; foi preciso o perdão concedido por este último assim como o arrependimento do ofensor para que se efetuasse a reconciliação⁵³. Com efeito, se se faz sofrer aquele que se ama, é preciso que seja em seu interesse e sem destruir a amizade por palavras desagradáveis. A censura mordaz não deve passar de um remédio destinado a salvar e a proteger aquele de quem se cuida. É por isso que, como um músico, o amigo sabe, em vista do belo e do útil, modificar o tom de seu instrumento: ora afrouxa as cordas, ora as aperta; ele é, com freqüência, agradável, é sempre útil. Mas o bajulador, que tem apenas uma corda, a do prazer e do encantamento, está acostumado a fazê-la ressoar sozinha. Não conhece o sentido de um ato de oposição, de uma palavra contraditora; escravo das vontades de outro, fala e canta sempre em unísono. Xenofonte conta que Agesilau⁵⁴ recebia com muito gosto os elogios daqueles que na ocasião podiam censurá-lo. Podemos assim crer nas doçuras e nas complacências de um amigo que pode, se necessário, oferecer-nos resistência e desagradar-nos. Mas consideremos suspeita a amizade de um homem que somente se aplica a bajular nossas tendências e nossos prazeres, sem ter jamais

a coragem de nos censurar. E, na verdade, deve-se ter presente no espírito essa tirada de Lácon que, ouvindo um panegirista do rei Carilo, exclamou: “Pois quê! Ele, que nem mesmo com os perversos é ríspido, pode ser um homem de bem?”

*Perigo dos louvores que dão ao vício
o nome da virtude.*

12. Diz-se que o moscardo penetra nas orelhas dos touros e a carraça nas dos cães. Os ambiciosos têm seu inseto, que é o bajulador. Ele apodera-se da orelha deles, lisonjeando-os; aí se fixa; e dificilmente é arrancado para ser esmagado. É, portanto, necessário, em semelhante caso, recorrer a um julgamento cuidadoso e esclarecido para distinguir se ele louva nossas ações ou nossa pessoa. Reconhecer-se-á que o louvor é atribuído ao ato, se concerne a ausentes mais que a presentes, se emana de pessoas que também têm a mesma vontade ou o mesmo ideal, se não nos concerne a nós em particular, mas se se dirige também a todos que agiram de maneira semelhante, se não visa a pessoas que mudam sem cessar de opinião, e enfim eis o critério decisivo, se temos nós próprios consciência de não lamentar o que nos acarreta esses elogios, de não nos envergonharmos e de não preferirmos ter feito ou dito o contrário, pois trazemos em nós um tribunal diante do qual nós nos julgamos,

cada um por sua vez. Ora, esse tribunal não admite o elogio: ele é impassível, inacessível, e o bajulador não pode de repente aí preponderar. Mas não sei como acontece que os homens, em sua maioria, quando são infelizes não dão ouvidos às consolações, e se deixam sobretudo levar por seus companheiros de infortúnio e lamentações; e, quando cometem um erro e faltam a algum dever, aquele que por suas críticas e censuras procura inspirar-lhes um arrependimento salutar parece a seus olhos inimigo e acusador. Se lhes dirigimos, ao contrário, louvores, se os felicitamos por sua conduta, eles desfazem-se em abraços e tomam essa aprovação por um sinal de benevolência e amizade. Sem dúvida, os que estão sempre prontos a elogiar ou aplaudir uma ação ou palavra isolada, seja ela séria ou divertida, e acerca de não importa qual assunto, essas pessoas, digo, são nocivas apenas no presente e de imediato. Mas quando por esses elogios se atinge o caráter, e quando as bajulações chegam a atacar, justo céu, o próprio moral, faz-se então como aqueles escravos que roubam trigo, não quando ainda está na espiga, após a ceifa, mas na parte que é destinada à sementeira. De fato, são as disposições da alma, isto é, a semente de nossos atos, princípio e fonte de vida, que os bajuladores corrompem, dando aos vícios os nomes das virtudes. Nas sedições e nas guerras, escreve Tucídides, “os homens, para qualificar os atos, chegaram a modificar arbitraria-

mente o sentido habitual das palavras. A audácia insensata é tida por coragem e generoso devotamento aos seus, o oportunismo prudente, por covardia dissimulada sob aparências dignas, e a moderação, por máscara da pusilanimidade; o homem de espírito, bastante aberto para abarcar os aspectos de uma situação, era julgado inapto à ação”⁵⁵.

Na boca do bajulador, e é o que se deve saber descobrir se se quer tomar cautela, a prodigalidade chama-se índole liberal, a covardia uma precaução sensata, a instabilidade ligeireza, a mesquinaria um gosto da medida, a paixão amorosa ternura e sensibilidade; ele chama coragem o que é cólera e desdém, benevolência o que é apenas humildade e vileza. Como diz Platão em alguma parte, o enamorado se faz o bajulador dos seres amados⁵⁶. O homem de nariz achatado, diz ele, tem uma fisionomia atraente; o nariz adunco é próprio de um rei; as carnações escuras dão o ar másculo; a tez pálida é a dos filhos dos deuses; quanto a essas epidermes que recebem o epíteto de “cor de mel”, são pura invenção dos amantes que se querem deixar enganar e procuram dar um belo nome à palidez do objeto amado. Ora, aquele que se deixa persuadir de que é belo quando é feio, e grande quando é pequeno, não poderia ser enganado, por muito tempo, com uma pequena ilusão, cujo prejuízo é insignificante e facilmente reparável. Mas que terríveis conseqüências tem comumente esse louvor que, acostumando-nos a olhar nossos vícios como virtudes, a nos regozijar com isso

em vez de nos afligir, tira ao mal a vergonha que ele naturalmente deve inspirar. Esse louvor causou a ruína completa dos sicilianos por qualificar a crueldade de Dionísio e de Fálaris de “ódio pelos maus” e de “eqüidade”. Ocasinou a perda do Egito chamando de piedade e devoção a efeminação de Ptolomeu, sua superstição, seus berros fanáticos, os ruídos estridentes das danças e dos tamborins. Quase derrubou e destruiu, nos últimos séculos, o Império Romano tão admirável, designando como eufemismo o luxo de Antônio; suas libertinagens, suas festas grandiosas como divertimentos agradáveis e alegres enquanto se tratava dos excessos do poder e da fortuna. Que é que ajustava à boca de Ptolomeu forbéia e flauta, que é que preparava para Nero uma cena trágica e o vestia bizarramente pondo-lhe máscara e coturnos? Não era o louvor dos bajuladores? Não é ele que aniquila a maior parte dos soberanos, que seduz, fazendo-os crer, à força dos qualificativos laudatórios, que são Apolos quando cantarolam uma melodia, Dionísios quando se embriagam, e Hércules se exercitam na luta?

*Os artifícios dos bajuladores para
disfarçar os elogios.*

13. É, portanto, quando o bajulador nos adula que devemos desconfiar. Ele não o ignora e é muito hábil em evitar as suspeitas; se tenta ganhar um homem

abastado ou um camponês coberto de uma espessa peliça, ele usa toda zombaria como Estrútrias cumulado Bias⁵⁷ de graçolas e insultando brutalmente sua estupidez sob a forma de elogios:

“Bebeste mais que o rei Alexandre”⁵⁸,

e

“Ah! eu rio, pensando na taça do Cipriota”⁵⁹.

Ele põe os elogios na boca dos outros.

Mas se ele tem de se defrontar com pessoas mais sutis, que são precavidas e estão atentas ao espaço e ao terreno, não dirige nenhum elogio frontal mas leva-o por longos desvios, aproximando-se de suas vítimas ao sabor de um cerco imperceptível, como se faz para domesticar um animal obstinado, tocando-o com a ponta dos dedos. Ora, à maneira dos oradores, ele emprega a prosopopéia e põe vosso louvor na boca de outro, precisando com que prazer extremo encontrou na praça estrangeiros ou respeitáveis velhos que, cheios de admiração por vosso mérito, evocavam vossos numerosos belos atributos. Ora, fingindo relatar uma leve calúnia que ele próprio terá inventado de propósito contra vós, como se a tivesse ouvido de um terceiro, chega solícito para saber em que tempo, em que lugar

pudestes cometer um tal ato. E, após um desmentido pelo qual efetivamente espera, aproveita a ocasião para vos apanhar nas redes de seu elogio. “Eu estava, com efeito, admirado de que tivesses falado mal de um amigo, tu que nem aos teus inimigos maldizes; ou que tu te tivesses apropriado de bens alheios, tu que és tão largamente pródigo dos teus!”

O bajulador censura as virtudes que não têm aqueles que ele adula.

14. Outros bajuladores imitam os pintores que fazem sobressair os efeitos de luz de um quadro, justapondo-lhes sombras projetadas e cores escuras: criticando, estigmatizando, dilacerando e ridicularizando os valores contrários, conseguem, sem se trair, celebrar e fomentar secretamente os vícios dos que bajulam. Com depravados, censuram a temperança como sinal de rudeza; diante dos homens cúpidos e sem escrúpulos, que se enriqueceram por meios condenáveis e criminosos, qualificam como pusilânime e incapaz de agir o homem moderado e contente com sua situação. Se se acham com seres indolentes, ociosos, “que evitam o centro das cidades”⁶⁰, não se envergonham de definir a administração do Estado como uma ingerência fastidiosa e infrutuosa nos negócios das pessoas, e de qualificar a ambição de miragem estéril. Acrescentemos que,

para bajular o orador, menosprezam violentamente o filósofo, e junto das mulheres desavergonhadas disfarçam-se de galantes, dizendo das mulheres virtuosas, exclusivamente ligadas a seus esposos, que elas têm a alma rude e que são insensíveis a Afrodite. Mas o cúmulo da duplicidade é para os bajuladores não poupar nem a si próprios, e que, a exemplo dos lutadores que se abaixam para derrubar seu adversário, eles passam discretamente da censura de seus próprios defeitos ao elogio de sua vítima: “No mar, sou mais medroso que o último dos escravos; diante das provações, renuncio; se me ofendem, enfureço-me”, diz o bajulador, que se apressa em acrescentar: “Ele não se amedronta com nada, nada o magoa, é um homem à parte, suporta tudo com doçura, tudo com equanimidade.” Se alguém, tendo uma alta concepção de seu profundo bom senso e querendo passar por firme e austero, afetando uma retidão infrangível, diz a cada instante:

“No elogio e na censura, evitai todo excesso,
Rebento de Tideu...”⁶¹,

não é por aí que nosso hábil bajulador o atacará. Ele mudará de tática com relação a um tal homem: é sobre suas próprias questões, diz ele, que vem pedir-lhe conselho, como a um espírito cujo julgamento é mais esclarecido; sem dúvida, ele tem outros amigos com quem está bem mais ligado; mas é preciso absolutamente que se dirija ao bajulador, embora o

importune. E acrescenta: “Onde se pode achar um recurso, quando se tem necessidade de uma opinião? Em quem depositar sua confiança?” Depois, tendo ouvido a resposta do outro, exclama, sem nada examinar, que recebeu um oráculo e não um conselho. Se notou que nosso homem se atribui alguns méritos literários, entrega-lhe uma de suas composições, pedindo-lhe que a leia e a corrija. Alguns cortesãos de Mitridates, vendo que ele amava a medicina, apresentavam-lhe seus membros para que ele os amputasse ou os cauterizasse. Era uma bajulação que residia no gesto, não na palavra, pois aos olhos do monarca a confiança que lhe testemunhavam era uma homenagem à sua habilidade.

“Como são numerosas as formas do divino!”⁶²

Essa categoria de elogios que não se reconhecem reclama precauções mais delicadas, e não se podem desmascará-los eficazmente a não ser que se dêem expressamente ao bajulador conselhos e recomendações absurdos, e se ofereçam correções despropositadas. Se ele não faz nenhuma objeção, aprova tudo, aquiesce a tudo, e a cada proposição exclama: “Bem! Perfeito!”, reconhecer-se-á muito facilmente

“que fingindo querer receber o sinal de acordo ele pensa, no fundo, num outro interesse”⁶³;

quer unicamente louvar outrem e exacerbar sua vaidade.

Louvor mudo.

15. Outra coisa ainda: alguns apresentaram a pintura como uma poesia muda. Paralelamente, há certos elogios que dizem respeito a uma bajulação muda, pois assim como os caçadores enganam mais seguramente a caça se parecem menos ocupados em querer caçá-la do que em prosseguir seu caminho, guardar os rebanhos ou lavar, da mesma maneira os bajuladores nunca nos tocam mais vivamente por seus elogios do que quando fingem não nos louvar, mas fazer outra coisa. Ceder seja seu leito à mesa, seja seu assento a um recém-chegado, interromper seu discurso, quando se fala no conselho ou no templo, diante de um homem rico desejoso de falar, e ceder-lhe a tribuna e a palavra, é mostrar por seu silêncio, bem mais energicamente que por todos os protestos do mundo, que alto conceito se forma de sua excelência e de sua capacidade. É por isso que se vê os bajuladores apoderar-se dos primeiros lugares, nas assembléias e nos teatros, não que se julguem dignos de se apossar deles, mas com a intenção de fazer sua corte aos ricos, levantando-se e lhos cedendo. Nos conselhos e tribunais, eles tomam de chofre a palavra, depois se retiram, como em presença de oradores mais autorizados; e, por pouco

que seu contraditor seja influente, rico ou renomado, adotam sem dificuldade a opinião contrária.

A derrota voluntária de suas próprias opiniões: o bajulador inclina-se diante da riqueza e do poder.

Eis então a melhor ocasião de desmascarar esse gênero de concessões e de deferências fingidas que seus autores concedem não à experiência, à virtude ou à idade, mas à riqueza e ao crédito. O pintor Apeles replicou a Megábiso que, sentado perto dele, queria falar de desenho e de sombras: “Vês estes meninos que trituram a terra ocre de Lelos? Enquanto estavas calado, eles te prestavam atenção e admiravam tua púrpura e tuas jóias de ouro. Mas, desde que começaste a falar do que não sabes, zombam de ti.” A Creso, que, numa conversa, interrogava Sólon sobre a felicidade, este último citou, entre os exemplos de bem-estar superior, um obscuro cidadão de nome Telos, assim como Cléobis e Bíton⁶⁴. Mas os bajuladores, não contentes de celebrar a felicidade e a fortuna dos reis, dos ricos e dos notáveis, colocam-nos acima do resto dos homens por sua inteligência, habilidade e virtudes em todos os gêneros.

16. E, depois disso, alguns resmungam diante das teorias dos estóicos que dizem que o sábio une à riqueza a beleza, a nobreza e a soberania. Mas, quan-

do um homem é rico, os bajuladores o proclamam, ao mesmo tempo, orador, poeta, e, se ele o quer, pintor, flautista, hábil corredor, atleta⁶⁵ vigoroso; deixarão de propósito que os derrube na luta ou os preceda na corrida, como Críson de Hímera, que se deixou distanciar quando corria contra Alexandre; mas o rei, quando o percebeu, manifestou sua indignação. A única coisa, dizia Carnéades⁶⁶, que os filhos dos reis e dos ricos aprendem convenientemente é montar a cavalo e nada mais, pois, afirmava ele, se no decurso de seu treinamento o professor, cobrindo-os de elogios, os bajula tanto quanto seu concorrente na luta quando se deixa espancar, o cavalo, incapaz de distinguir um simples particular de um notável, ou um rico de um pobre, e bem longe de se preocupar com isso, sacode da sela todo aquele que não sabe montar. Mas que patéticas e tolices dizia Bítton⁶⁷, afirmando que “se se devesse tornar um campo fértil e produtivo a poder de elogios, seria preferível, evidentemente, agir assim a empenhar-se em cavá-lo. Em consequência, não seria despropositado louvar um homem, se os cumprimentos fossem úteis àqueles que os prodigalizam e se o reconhecimento deste último não fosse infrutuoso”. Mas um campo não corre o risco de se deteriorar sob os louvores, enquanto elogios falsos e não merecidos podem cegar, levando até à loucura, e perder aquele que por eles é enganado.

*A pseudofranqueza do bajulador
é uma arma perigosa.*

17. Nada mais sobre esse ponto; para prosseguirmos de modo ordenado, vejamos o que se refere à franqueza da linguagem. Quando Pátroclo cingiu a armadura de Aquiles e conduziu seus cavalos ao combate, absteve-se somente de tocar na lança do Pélion e renunciou a usá-la; seria preciso da mesma maneira que o bajulador, enfarpelando-se, para se disfarçar, com as insígnias e atributos da amizade, se abstivesse de tocar numa única coisa para simulá-la: refiro-me à franqueza languageira, essa arma distintiva da amizade, essa

“arma pesada, arma forte, e sólida”⁶⁸.

Ora, uma vez que, pelo temor de serem traídas no meio dos risos, do vinho, dos sarcasmos, das brincadeiras, essas pessoas tentam elevar sua artimanha até à afetação de uma altiva severidade, exercem sua bajulação com um ar triste, e misturam a suas adulações as opiniões e as censuras, investiguemos ainda, sem omiti-los, os indícios dessa tática. Vê-se, numa comédia de Menandro, um falso Hércules apresentar-se em cena trazendo uma clava que, longe de ser compacta e sólida, tem tudo de factício, inconsistente e oco. Da mesma maneira a franqueza do bajulador, se posta em prova, se revela branda, desprovida de peso e energia. Produz o

mesmo efeito que os travesseiros das mulheres, os quais parecem sustentar as cabeças e opor alguma resistência, mas, pelo contrário, cedem e ficam mais baixos precisamente como essa franqueza de má qualidade que não passa de ênfase vã, falsa e enganosa: ela se eleva, amplia-se, de sorte que ao termo de sua queda chega ao nada, fazendo sucumbir aquele que aí repousava com confiança.

A verdadeira franqueza, aquela que caracteriza a amizade, empenha-se em curar as falhas; e a dor salutar e conservadora que causa se assemelha aos efeitos do mel que, embora doce e proveitoso, corrói as úlceras e tem a virtude de purificá-las. Ela será para nós o objeto de uma menção especial.

A franqueza estigmatiza ordinariamente falhas secundárias.

O bajulador, ao contrário, ostenta altivamente azedume, acrimônia e inflexibilidade em suas relações com os outros. É intratável com os domésticos, enérgico em assinalar as falhas de seus parentes e amigos, e, com respeito aos estranhos, não é animado de nenhuma admiração, de nenhum respeito, mas somente de desprezo; rebelde à misericórdia, caluniador, procura exclusivamente excitar os outros à cólera. Ele quer alcançar uma reputação de inimigo do vício, a de um homem que “cederia a uma

tal franqueza apenas contra a vontade; ele nunca disse nada; nunca fez nada por complacência”. E, contudo, depois disso finge ignorar as faltas reais, as faltas capitais, e nada saber disso. Mas fica furioso quando se trata de se manifestar sobre os pecadilhos leves e exteriores. Vê ele um vaso ou um móvel deslocados, um interior malcuidado, negligência com relação à cabeleira ou vestimenta, um cão e um cavalo não convenientemente tratados? É por tais objetos que revela com violência e veemência seu pretendido zelo. Mas parentes desprezados, filhos abandonados, uma esposa indignamente tratada, próximos desdenhados, um patrimônio dilapidado não o afetam. Fica mudo e tímido. É como um professor de ginástica que deixa o atleta embriagar-se e entregar-se à devassidão, mas que se faz exigente no uso de uma garrafinha ou de um estrigil; ou como um professor de gramática que repreende uma criança por tabuinhas e um estilete e não parece ouvir seus barbarismos e solecismos. Com efeito, o bajulador, diante de um orador lamentável e ridículo, é homem capaz de não se prender ao fundo do discurso, mas de pôr em questão sua voz e de censurá-lo acerbamente sob pretexto de que “estraga sua laringe bebendo gelados”. Se é encarregado de ler uma obra abominável, queixa-se de que o papel é demais espesso e trata o copista de escrevinhador negligente. Assim, os cortesãos de Ptolomeu, vendo seu gosto pelas letras, disputavam com ele sobre uma questão de vocabulário, um hemistí-

quiu ou uma questão de história e prolongavam a discussão até ao meio da noite, mas, no que tocava à sua crueldade, arrogância, seu tamborim e festas iniciáticas, nenhum deles ousou censurá-lo⁶⁹. Semelhante a um cirurgião que, achando-se diante de um doente que sofre de abscessos e fístulas, empregasse sua lanceta para cortar-lhe os cabelos e as unhas, o bajulador apenas usa sua franqueza com relação a partes que não experimentam aflição nem dor.

*A franqueza pode também cair
no elogio dissimulado.*

18. Outros, ainda mais inábeis que os precedentes, se dedicam a tornar agradáveis a franqueza e as censuras. Assim, Ágis, o Argivo, vendo Alexandre dar a um bufão presentes consideráveis, exclamou, num ímpeto de despeito e descontentamento: “Que indignidade absurda!” O rei voltou-se para ele colérico e perguntou-lhe o que acabava de dizer: “Confesso”, respondeu Ágis⁷⁰, “que não posso ver sem raiva e sem indignação que todos vós, filhos de Zeus, vos alegrais igualmente em escutar os que vos bajulam e divertem; de fato, Hércules se deliciava com não sei quais Cércopes; Dionísio, com Silenos; e pessoas da mesma qualidade podem ser vistas com crédito junto de vós.” Tendo Tibério vindo um dia ao senado, viu-se um de seus bajuladores levantar-se: “Como somos cidadãos livres”, disse ele, “temos o

direito de falar livremente, sem nenhuma reticência, sem nenhuma reserva sobre o que diz respeito aos interesses públicos.” Esse começo atraiu a atenção e o silêncio de todos os senadores e de Tibério; “César”, disse ele, “ouve o motivo de queixa que todos temos contra ti, e sobre o qual ninguém tem a coragem de te falar abertamente. Negligencias demais o cuidado com tua pessoa, comprometes tua saúde, extenuas-te com preocupações e trabalhos, por nós, sem descansar noite e dia”. Como ele continuava a proferir uma quantidade de palavras desse gênero, o retor Cássio Severo, dizem, exclamou: “Essa franqueza matará este homem!”⁷¹

Ele censura o contrário das falhas verdadeiras.

19. São as bajulações de menor conseqüência; mas aquelas de que vou falar são perigosas e fatais se se dirigem a homens pouco habituados a refletir; consistem em acusá-los de paixões e defeitos contrários aos seus. Por exemplo, Himério, o bajulador, sabendo que um rico ateniense era de uma avareza sórdida, censurava-o por sua prodigalidade e sua negligência, chegando a lhe dizer: “Um dia morrereis miseravelmente de fome com vossos filhos.” E, ao contrário, àquele que é perdulário e gastador, eles dirigem censuras sobre sua mesquinha e avareza, como fazia Tito Petrônio⁷² a Nero. Se príncipes se comportam com seus súditos com rigor e crueldade,

os bajuladores os intimarão a renunciar a essa clemência excessiva, a essa humanidade inoportuna e inútil. Assim ainda manobra aquele que, para bajular um tolo, um poltrão, um incapaz, finge resguardar-se e ter medo dele como de um homem terrível e decidido a tudo empreender. Se um invejoso, gostando sempre de maldizer e censurar, se deixa levar por acaso a fazer o elogio de uma celebridade, o bajulador toma à parte o panegirista e lhe faz guerra, como se tratasse de doença. “Louvais”, diz ele, “pessoas que não merecem: pois, enfim, quem é este homem, que fez ele, que disse de tão brilhante?” Mas é principalmente quando o amor está em jogo que o bajulador faz seus maiores ataques e inflama aqueles que adula. Se os vê zangados com seus irmãos, cheios de desprezo por seus pais, de negligência por sua mulher, evita dirigir-lhes repreensões ou censuras e excita mais sua cólera: “Tu não sabes te fazer valer; é tua culpa; acuses somente tua obsequiosidade e tua humildade.” Mas se se trata de uma cortesã, ou de uma mulher casada de quem estamos enamorados, e se sentimos um prurido de cólera ou de despeito, o bajulador logo se apresenta com sua franqueza que ostenta um grande brilho. Atiça um fogo já muito ardente, abre processo contra o enamorado, acusa-o de não estar apaixonado e de dar numerosas provas de uma insensibilidade desoladora:

“Ó coração esquecido de beijos tão ternos.”⁷³

Assim, os amigos de Antônio, vendo que estava apaixonado pela egípcia e a desejava ardentemente, convenciam-no de que era ela que estava enamorada dele, e censuravam-lhe o que eles chamavam sua frieza e seu desdém. “Eis uma mulher”, diziam-lhe, “que abandona um tão grande reino e a mais deliciosa maneira de vida, que estraga sua beleza seguindo-te nas guerras, que aceita o papel e a atitude de uma concubina,

Tu abrigas em teu coração pensamentos inflexíveis⁷⁴,

e zombas de suas aflições.” Ora, Antônio, lisonjeado pela acusação de injustiça, não percebia que, parecendo querer corrigi-lo, se acabava por pervertê-lo. Uma tal franqueza pode ser comparada às mordidas das prostitutas, que despertam e ativam as sensações voluptuosas por meio do que se cria dever ser doloroso. Da mesma maneira que o vinho puro, remédio soberano aliás contra a cicuta, se misturado a ela se torna ineficaz contra a violência do veneno, porque este é levado prontamente ao coração pelo calor que se desenvolve, assim esses homens perversos, sabendo que a franqueza constitui um auxílio poderoso contra a lisonja, bajulam precisamente por meio da franqueza. Eis por que Bias⁷⁵ não respondeu adequadamente a alguém que lhe perguntava qual era de todos os animais o mais nocivo: “Entre os animais ferozes”, disse ele, “o tirano; entre os domesticados, o bajulador.” Teria sido

mais verdadeiro dizer que há bajuladores domesticados que querem partilhar apenas de nossos banhos e de nossa mesa; mas o que leva até aos quartos, até ao gineceu, como tentáculos, sua indiscrição, suas calúnias, sua malícia, esse é selvagem, feroz, intratável.

O único meio de lutar contra o bajulador é tomar consciência das próprias falhas.

20. Evidentemente há apenas uma única maneira de proteção: é tomar consciência e jamais se esquecer de que nossa alma é a sede de duas faculdades; uma é dotada de sinceridade, beleza e razão, a outra, desprovida de senso, é um teatro de mentiras e violentas paixões. Ora, um amigo verdadeiro aconselha e advoga em favor da melhor parte, a exemplo do médico que se propõe manter e fortificar a saúde, enquanto o bajulador, abraçando a causa do irracional e do passional, afaga-a e a excita e, pelo atrativo das volúpias que ele trata de lhe dar, desvia-a e a leva a se subtrair aos poderes da razão. Há alimentos que, sem aumentar a massa do sangue e a intensidade da respiração, sem dar vigor à medula e aos nervos, inflamam os órgãos genitais, debilitam e deterioram a carne. Da mesma maneira o bajulador, cujos discursos são incapazes de fortalecer em nós a sensatez e a razão, sabe tão-só nos familiarizar com as volúpias carnavais, fazer nascer ardores desproposi-

tados, excitar o ciúme, suscitar a elevação insuportável e oca do orgulho, acompanhar nossa aflição com suas lágrimas ou, por calúnias e pressentimentos contínuos, encher de azedume, pequenez e desconfiança uma alma levada à malevolência, à baixeza e à má-fé. Eis uma artimanha pela qual um espírito observador poderá facilmente reconhecê-lo, pois ele sabe que o bajulador espreita, por assim dizer, o primeiro germe de nossas paixões com a intenção de aí se insinuar, e sua presença indefectível assemelha-se à do tumor que cresce sobre as ulcerações ocultas ou os ardores intensos da alma. “Estás encolerizado? Castiga, ele vos dirá. Desejas algum objeto? Compra-o. Tens medo? Foge. Tens suspeitas? Confia.” É, talvez, difícil surpreendê-lo nessas espécies de exaltações cuja violência e importância nos tornam surdos à voz da razão; mas, como o bajulador é sempre o mesmo, oferecerá facilmente um meio de agir sobre ele nas pequenas paixões. Se, por exemplo, temendo os efeitos da embriaguez ou de uma boa refeição, hesitais em tomar um banho ou em vos sentar à mesa, um amigo vos reterá e vos recomendará a abstinência e a restrição; o bajulador, ao contrário, ele próprio vos arrasta ao banho e vos faz servir algum novo prato, aconselhando-vos a não vos extenuar fazendo dieta. Se vê que hesitais, por indolência, em empreender uma viagem, uma travessia, ou em praticar uma ação qualquer, ele vos dirá que não é urgente, que é preferível adiar o empreendimento ou enviar outra pessoa. Se prometestes emprestar ou

dar dinheiro a um de vossos amigos, e, aborrecido por terdes assumido o compromisso, estais envergonhado de faltar à palavra, o bajulador fará inclinar a balança do mau lado, pesará vossas resoluções no sentido de vossa bolsa, banirá o pudor que vos detém, alegando que as grandes despesas que fazeis, e a necessidade de abastecer a muita gente, vos obrigam a serdes econômico. Em consequência, se somos evidentemente conscientes de nossas ambições, de nossas indelicadezas e de nossas covardias, é impossível que não desmascaremos um bajulador: é o apologista infatigável de nossas paixões, e o discurso em defesa delas justifica sua franqueza. Mas, sobre essa questão, isso é suficiente.

Os serviços prestados: reconhece-se o bajulador por sua devoção obsequiosa.

21. Passemos agora às cortesias e aos bons ofícios. Aí ainda o bajulador se dedica a confundir e a dissimular bastante a diferença que o separa do amigo, manifestando em tudo sua solicitude infatigável. A conduta do amigo é, segundo Eurípidés, simples como uma palavra de verdade, sem rodeios e sem dissimulação; mas, ontologicamente falando, a do bajulador

“sabe remediar pela arte sua própria fraqueza”⁷⁶,

assim como por remédios numerosos e, justo céu, excepcionais. Assim, um amigo que vos encontra na rua passa, às vezes, sem dizer uma palavra, ou sem nada ouvir de vós; contenta-se em dar e receber, por um olhar e um sorriso agradável, a demonstração de uma benevolência recíproca, mas o bajulador acorre precipitadamente e vos estende de longe a mão; se o avistais e o cumprimentais primeiro, ele apresenta, para se desculpar de não vos ter visto, as testemunhas e os juramentos. O mesmo acontece nos negócios: os amigos negligenciam com freqüência as questões acessórias, porque não querem pôr em sua conduta uma exatidão pueril e indiscreta, nem se oferecer a prodigalizar todas as espécies de serviços. Nosso homem, ao contrário, manifesta presença, é assíduo, perseverante, infatigável e não cede a ninguém o lugar nem a ocasião de vos prestar assistência. Quer ser um “factotum” e, se não receber ordens, fica vivamente irritado, ou, melhor, seu desalento e seus protestos ultrapassam todo limite.

Promessas inúteis.

22. Em todos esses indícios ostensivos, os espíritos sensatos podem reconhecer não uma amizade verdadeira e sincera, mas a solícitude afetada de uma cortesã que vos dá um abraço hipócrita. Entretanto, é primeiramente através da prestação de serviços que a

diferença se manifesta. Já se disse muito bem antes de nós. Eis como um amigo faz uma promessa:

“Se posso fazê-lo, primeiro, se isso já foi feito, em
[seguida.”⁷⁷

O bajulador vos dirá:

“Tudo o que vos agradar: basta falar.”⁷⁸

É justamente esse tipo de gente que os poetas cômicos põem em cena:

“Coloca-me, Nicômaco, diante deste soldado.
Verás se com chicotadas não o torno bem doce,
se não torno seu rosto mais mole que uma esponja.”⁷⁹

Aquiescência servil.

Isso não é tudo: um amigo não se associará a nenhum empreendimento, a menos que, consultado antes, tenha examinado a questão e contribuído para orientá-la no sentido do dever e da utilidade. Mas o bajulador, mesmo quando lhe é permitido examinar a questão e discuti-la, pensa somente em se mostrar condescendente e em nos agradar e, temendo ser suspeito de hesitação ou de escapade-la, mostra-se tão disposto, tão ardente como vós, em ver a realização de vossos desejos. Com efeito, há bem poucos reis ou ricos que dizem:

“Que eu encontre um mendigo, e, se ele quer, pior que um mendigo que, por devotamento a mim, vença seu medo e me fale do fundo do coração!”⁸⁰

Mas, como os trágicos, todos eles querem ter um coro de amigos que cantem com eles e um auditório que os aplauda. Eis por que a Mérope da tragédia dá este conselho:

“Escolhe como amigos aqueles que não fazem
[concessão,
mas que um ferrolho defenda tua corte
dos perversos que, para teu agrado, incensam teu
[prazer.”⁸¹

Mas é o contrário que se faz comumente: procura-se fugir dos que não fazem nenhuma concessão em seus discursos e vos contradizem para defender vossos interesses, enquanto a esses vis impostores, que só sabem agradar por bajulações servis, se abre a porta, e eles são recebidos não só sob seu teto, mas ainda no seio de suas paixões e de suas questões mais secretas. Entre esses confidentes, aquele que ainda é inexperiente considera que não tem o direito e que é completamente indigno de dar sua opinião sobre matérias tão importantes; quando muito, seria o auxiliar ou o servidor. Mas o mais astuto atém-se a partilhar vossa irresolução, a franzir as sobrançelas, a menear a cabeça, guardando o silêncio. Mas, se aquele que o consulta faz conhecer sua opi-

nião, ele exclama: “Por Hércules, ganhaste de mim por pouco: eu ia dizer a mesma coisa.” Os matemáticos afirmam que as linhas, em consequência de sua abstração e de sua imaterialidade, não podem curvar-se, estender-se nem mover-se por si, e seguem o traçado, o prolongamento e o movimento dos corpos cujas arestas elas marcam. O mesmo acontece com o bajulador: tu o surpreenderás sempre seguindo o fio de teu discurso, de teus sentimentos, de tuas percepções, e mesmo, na verdade, de tuas cóleras. Nesses pontos pelo menos é bem fácil, portanto, distingui-lo de um amigo, e, mais ainda, na maneira de prestar serviço.

Da maneira de obsequiar.

O devotamento de um amigo, como um ser vivo, contém qualidades intrínsecas, mas evita sobretudo a ostentação e o brilho; e, a exemplo do médico que muitas vezes cura certos doentes sem que eles saibam, o amigo presta-nos serviço por uma intervenção ou transação prudentemente preparada que ele deixa o beneficiário ignorar. Tal era o caráter de Arcesilau. Entre vários outros sinais, citarei este: tendo um dia encontrado Apeles de Quios doente e numa total indignância, veio prontamente revê-lo com vinte dracmas, e, sentando-se à sua cabeceira, disse-lhe: “Não vejo aqui senão os elementos de Empédocles,

o fogo, a terra, a água, o éter puro e leve⁸²,

e que não estás muito bem deitado.” Ao mesmo tempo, ajeitando o travesseiro, aí colocou por baixo, às ocultas, a bolsa. E, quando a velha que o servia a encontrou e, tendo-se admirado, avisou Apeles, disse ele sorrindo: “É uma sutileza de Arcesilau.” E deve-se crer que “são semelhantes a seus pais”⁸³ os filhos que vos vêm em filosofia. Isso se verificou com Lacides, um discípulo de Arcesilau. Ele assistia um dia com outros amigos à instrução do processo de Cefisócrates; o acusador pedia que ele apresentasse seu anel, o acusado deixou-o cair no chão sem barulho e Lacides, que o notara, pôs o pé sobre o que constituía a única prova e o escondeu; Cefisócrates, absolvido, foi agradecer a seus juízes; mas um deles, que tinha percebido a manobra, pediu-lhe que fosse agradecer a seu amigo e contou-lhe esse rasgo de generosidade que Lacides tinha mantido em segredo. É assim, creio, que os deuses, em cuja natureza está procurar nos benefícios tão-somente o prazer de obsequiar, fazem bem aos homens sem que percebam, gostam de lhes ser agradáveis e de os comprazer em vista do próprio ato.

Em sua conduta, o bajulador nada tem de justo, verdadeiro, simples, liberal; sempre suado, grita, agita-se, modifica sua fisionomia e multiplica os sinais de pura aparência, que querem fazer crer numa dedicação útil, laboriosa e solícita. Ele assemelha-se a uma dessas pinturas muito rebuscadas que querem dar a ilusão da vida por cores berrantes, ruptu-

ras de pregas, rugas e traços angulosos, e vos importuna contando minuciosamente suas atividades, pormenorizando seus passeios sem rumo, seus cuidados, os rancores que provocou, as dificuldades e provações sem-número que experimentou, de sorte que somos tentados a lhe dizer: “Isso não valia a pena!” Com efeito, um benefício censurado suscita a irritação, perde todo seu valor e torna-se impertinente e intolerável. Ora, os do bajulador, no mesmo instante em que são prestados, parecem trazer em si a censura e nos envergonham. Ao contrário, um amigo forçado a dizer o que fez fala sem rodeios e expõe simplesmente o fato sem falar de si mesmo. Os lacedemônios enviaram aos habitantes de Esmirna a provisão de trigo que eles tinham reclamado; como estes últimos se surpreenderam com essa generosidade, seus benfeitores lhes responderam: “Nada fizemos de extraordinário; com efeito, para reunir esse trigo, ordenamos simplesmente por um decreto que os homens e os animais se privassem de alimentação durante um dia apenas.” Essa maneira generosa de prestar serviço é tanto mais agradável aos beneficiários quanto mais os deixa crer que custou pouco fazê-lo.

Os serviços prestados pelo bajulador dispensam a moral.

23. Entretanto, não é somente pela ostentação odiosa de seus serviços ou pela prodigalidade de suas

promessas que se pode reconhecer o bajulador, mas é sobretudo pelo uso, bom ou mau, que faz deles e por sua finalidade, seja ela subordinada à utilidade ou ao prazer. De fato, o amigo não deverá seguir a opinião de Górgias segundo a qual é apreciável exigir de seu amigo apenas serviços honestos e prestar-lhe seu concurso, mesmo em serviços desonestos, pois ele quer

“sustentar nossas virtudes, sem favorecer nossos vícios”⁸⁴.

Afastar-se-á mais então seu amigo de tudo o que é inconveniente. E, se não se pode persuadi-lo, pode-se fazer-lhe objeção com esta admirável fórmula de Fócion a Antípatro: “Não poderias ter em mim um amigo e um bajulador”, isto é, um amigo e um inimigo. Deve-se, com efeito, ajudar seu amigo em seus empreendimentos, mas não em seus crimes; deve-se ser um conselheiro e não um conspirador, um fiador, não um cúmplice, um companheiro de infortúnio, sim, por Zeus, mas não um conivente nos erros. Visto que não convém partilhar com seus amigos a confidência de seus crimes, como se pode preferir colaborar para que eles os cometam e tornar-se seu companheiro de infâmia? Assim, os lacedemônios, vencidos por Antípatro e negociando a suspensão de hostilidades, propunham aceitar as medidas de represálias mais severas contanto que não tivessem nada de desonroso. Tal é o verdadeiro amigo. É preciso, para vos prestar serviço,

fazer a despesa, afrontar o sofrimento e o perigo? Ele é todo zelo e não alega jamais pretexto algum para recusar. O que se exige dele é desonesto? Ele desiste e dispensa-se da participação.

Ao contrário, a bajulação, se se trata de prestar serviços penosos e arriscados, resiste e, se para experimentá-la tu a fazes ecoar, ela produz, refugiando-se atrás de um pretexto, um ruído dissonante e de má qualidade. Mas trata-se de serviços imorais, vis, desonrosos? Podes servir-te dela sem receio de abusar. Esmaga-a: esse tratamento não lhe parecerá duro nem ofensivo. Vês o macaco? Ele não sabe nem guardar a casa como o cão, nem lavar a terra como o boi; mas suporta os gracejos, os insultos, e tolera ser considerado como objeto de brincadeira e zombaria. Assim é também o bajulador: incapaz de pôr a serviço dos outros sua eloquência, sua bolsa ou sua pessoa, inábil para todo trabalho e para toda aplicação séria, pronto para agir em segredo, fiel medianeiro em caso de paixão secreta, rigoroso na recuperação de uma prostituta, pontual em saldar a conta de um banquete, diligente em ordenar uma refeição, propenso a amabilidades requintadas para com as cortesãs, inflexível e sem-vergonha, se recebe a ordem de expulsar vossa esposa ou de tratar rudemente vossos sogros. Em suma, aí também não é difícil apanhar em flagrante nosso homem: qualquer coisa infame e vergonhosa que se lhe queira ordenar, ele está pronto a esforçar-se para agradar ao que dá a ordem.

O bajulador procura afastar os verdadeiros amigos.

24. Um exame das disposições do bajulador com respeito a nossas relações de amizade será um meio infalível de reconhecer o que o separa do amigo. Aos olhos deste último, com efeito, nada é mais doce que partilhar com muitas pessoas os sentimentos de uma benevolência recíproca; além disso, ele não trabalha sem cessar para que tenhamos muitos amigos e sejamos estimados por todos os que nos conhecem? Persuadido de que entre amigos tudo é comum, julga que nada deve ser tão comum como os próprios amigos. Mas o falso amigo, o amigo bastardo e pérfido, que só pode ocultar o agravo que faz à amizade alterando-a como se faria com a falsa moeda, pratica contra seus semelhantes a inveja que lhe é natural, e procura ultrapassá-los em pilhérias e tagarelice. Por pouco que um sujeito valha mais que ele, ao contrário, ele teme-o e assusta-se, não, por Zeus, “porque irá a pé contra o carro lídio”⁸⁵, mas porque ao ouro puro “ele não pode”, segundo disse Simônides, “opor o modesto chumbo”. Igualmente, sentindo que, em comparação com um amigo verdadeiro, sólido e de boa índole, se reconhecerá como ele é frívolo, falso e trapaceiro, deixa-se confundir e age como aquele pintor que, tendo feito um péssimo desenho de galos, tinha encarregado seu escravo de afastar para bem longe do quadro os galos verdadeiros; nosso homem afas-

ta os verdadeiros amigos e os impede de se aproximar. Se não consegue, finge bajulá-los, envolvê-los, extasiar-se com sua superioridade, enquanto em segredo semeia contra eles calúnias que desperta por seus discursos. E quando esses cochichos começaram a envenenar a ferida, mesmo que o efeito não corresponda imediatamente à sua expectativa, o bajulador guarda fielmente na memória o conselho de Medeuo. Este homem pertencia ao coro de bajuladores de Alexandre; tinha aí o posto de chefe de orquestra, de corifeu-mestre, que tinha conspirado contra as mais honestas pessoas da corte. Ordenava então a seus subordinados atacá-las ousadamente e atormentá-las a poder de maledicências, afirmando claramente que, quando a ferida fosse curada, a cicatriz da calúnia permaneceria. Foi assim que o coração de Alexandre, minado por esses estigmas, ou mais exatamente por essa gangrena e esses cancrios, fez perecer Calístenes, Parmênion e Filotas, e se entregou sem reserva aos engodos de Ágnon, Bagoas, Agésias, Demétrio, que o adoraram de joelhos, o adornaram e o remodelaram à semelhança de um ídolo bárbaro. Tal é o poder das complacências verbais, um poder ainda maior em razão de se dirigir evidentemente a homens que crêem ser os maiores! Com efeito, alimentar sobre si as mais altas idéias e experimentar ao mesmo tempo esse desejo é dar ao bajulador crédito e razões de audácia. De fato, na terra os lugares elevados são de abordagem e acesso difíceis para os empreendimentos hostis;

em compensação, a elevação e o orgulho que o sucesso ou uma feliz natureza dão à alma são, se o bom senso lhe falta, uma maravilhosa via de acesso à mesquinhez e à baixeza.

Os riscos do amor-próprio.

25. É por isso que, no início deste tratado, recomendávamos que se extirpasse do coração o amor-próprio e a presunção. Pois bem, nós o recomendamos ainda agora pois é nossa boa opinião sobre nós mesmos que, lisonjeando-nos previamente, nos torna mais vulneráveis à bajulação exterior e para ela nos prepara. Mas se examinarmos as mil falhas de nossa natureza, dóceis às injunções do deus e considerando o “conhece-te a ti mesmo” como o conhecimento mais importante a adquirir, se refletirmos sobre nossa educação e nossa instrução à vista do bem, e se observarmos a imperfeição e a confusão da mistura que elas formam, tanto em nossa conduta como nos pensamentos e sentimentos, então nos defenderemos das ciladas dos bajuladores. Alexandre, para cair em si, dizia que sua inclinação para o sono e para o amor, estados que ora rebaixavam sua nobreza e ora o expunham à paixão, o fazia bem sentir que ele não era deus, embora lhe dessem o nome. Quanto a nós, considerando sem cessar nossas eternas torpezas, misérias, insucessos e erros, nós nos apanharemos, por assim dizer, em flagrante delito, e

isso de maneira nenhuma se um amigo nos cobre de elogios e flores, mas se nos acusa, se se exprime francamente e nos critica quando, por Zeus, agimos mal.

Da linguagem franca dos amigos verdadeiros.

Mas, em geral, há poucos homens que têm coragem de ser francos com seus amigos e que não procuram de preferência lhes agradar. E, entre esses eleitos, dificilmente encontrarás ainda aqueles que saibam usar oportunamente a franqueza, e não a façam consistir em críticas e repreensões.

Do tato.

Acontece com a franqueza que não tem sucesso o mesmo que com certos remédios: ela aflige, atormenta inutilmente e realiza com dor o que a bajulação sabe nos tornar deleitável. Um elogio descabido vale tanto como uma censura proferida inoportunamente: os dois prejudicam. Eis o motivo essencial que nos faz dar o flanco aos bajuladores e nos tornar sua presa: vamos nós próprios ao encontro deles, como a água que corre dos mais rudes declives e dos solos menos movediços para as cavidades de um lamaçal! É preciso então que a linguagem livre seja temperada pela maneira de agir e que se submetta às instâncias da razão. Esta aliás exclui a inten-

sidade viva demais da qual a brilhante franqueza tem o segredo. Sem isso, repelidos e feridos por censores e acusadores impenitentes, iríamos abrigar-nos à sombra dos bajuladores e procurar refúgio num lugar em que a crítica é a coisa menos partilhada do mundo. Com efeito, é pelas virtudes, meu caro Filopapo, que se devem evitar os vícios, e não pelos vícios contrários, como fazem essas pessoas que crêem escapar à timidez pela impudência, à rudeza pelo gracejo, e afastar-se tanto mais da indolência e da covardia quanto mais se aproximam da petulância e da arrogância. Alguns, para não serem supersticiosos, caem na impiedade; com receio de serem estúpidos, tornam-se velhacos; e, por não saberem corrigir seu caráter, torcem-no num sentido oposto, como se faria com um pedaço de madeira flexível. É uma maneira muito inconveniente de recusar a bajulação ofender inutilmente, e só pode caber a um homem grosseiro, estranho à benevolência, escapar à baixeza e ao servilismo de toda relação amigável, sob a aparência de um humor ríspido e desagradável. Parece aquele liberto de comédia que imagina que dizer injúrias é gozar do direito de falar com franqueza.

Há uma franqueza eficaz?

Se é vergonhoso tornar-se bajulador procurando agradar, não o é menos entregar-se, para evitar a

bajulação, a uma franqueza imoderada, que destrói a amizade e a solicitude. Evitemos esses dois excessos, e que a franqueza, como qualquer outra qualidade, encontre seu ideal no meio-termo. Tal é a exposição que, reclamando ela própria sua seqüência lógica, impõe visivelmente seu coroamento ao meu Tratado.

Onde a franqueza exclui o interesse.

26. Como verificamos que uma pletora de fatalidades deploráveis acompanha a franqueza, comecemos por eliminar desta o amor-próprio, cuidando, com muita atenção, em não parecer responder de alguma maneira por censuras a ataques ou ofensas que nos atingem mais intimamente. Com efeito, quando alguém fala em seu próprio interesse, parece que age não por benevolência, mas por cólera, e que mais dirige uma censura do que prodigaliza uma lição moral. A franqueza é do domínio da amizade e da nobreza, mas as censuras vêm do amor-próprio e da estreiteza de espírito. É por isso que se concebem sentimentos de respeito e admiração pelos homens que falam com franqueza, enquanto os difamadores excitam o desprezo e a indignação. Por exemplo, Agamêmnon, que se irritava com a linguagem franca de Aquiles, embora parecesse bastante moderado, permitiu que Ulisses o atacasse duramente e lhe dissesse:

“Autor de todos nossos males, devias ter comandado a outros combatentes sem força e sem virtude!”⁸⁶

Ele deu provas de indulgência e paciência, contido como estava por essas palavras solícitas e sensatas, pois sabia que Ulisses não tinha motivo pessoal para se encolarizar, e falava apenas pelo bem da Grécia, enquanto o outro tirava de si mesmo os motivos de sua animosidade. Todavia, Aquiles em pessoa, que não era “nem doce nem tratável”⁸⁷, mas “homem duro, e pronto a acusar até inocentes”⁸⁸, permitiu, calado, que Pátroclo lhe dirigisse mil acusações deste gênero:

“Coração impiedoso, não tiveste como pai Peleu, o
[bom auriga,
nem como mãe Tétis: foi o mar glauco que te gerou,
foram as rochas abruptas, porquanto tua alma é feroz.”⁸⁹

O orador Hipérides, vendo que seus discursos tinham ofendido os atenienses, pretendia que eles examinassem não se suas palavras tinham alguma coisa de mordaz, mas se eram desinteressadas. Da mesma maneira as advertências de um amigo, quando isentas de toda paixão pessoal, devem ser consideradas como respeitáveis, nobres, incontestáveis. E se, pondo de lado os erros que só dizem respeito a si mesmo, se realçam, com uma inteira liberdade, aqueles que atingem os outros, seria impossível resistir a uma franqueza cuja doçura desse ainda mais

peso e mordacidade à advertência. Eis por que se diz com justa razão que, nos impulsos de irritação e nas desavenças que nos opõem a nossos amigos, é preciso procurar sobretudo o que lhes pode ser útil e conveniente.

Não é menos digno de uma amizade generosa, quando nos consideramos a nós mesmos desprezados e esquecidos, falar francamente e intervir em favor de outros amigos que são negligenciados. Foi o que fez Platão quando sentiu a desconfiança e o descontentamento de Dionísio. Pediu-lhe uma audiência e obteve-a. O príncipe estava certo de que o filósofo vinha queixar-se e incriminá-lo, mas Platão falou-lhe mais ou menos nestes termos: “Se soubesses, Dionísio, que um de teus inimigos tinha desembarcado na Sicília com maus propósitos e que a falta de ocasião o impediu de levar a efeito, permitirias que ele voltasse a embarcar e deixaria que saísse impunemente de teus Estados? – Não, sem dúvida, Platão, respondeu Dionísio, pois é preciso odiar e punir a má vontade de seus inimigos tanto quanto seus crimes. – Mas, replicou Platão, se um homem bem-intencionado tivesse vindo prestar-te um serviço importante e não lhe desses a oportunidade de fazê-lo, crerias estar desobrigado do reconhecimento para com ele e poder tratá-lo com desprezo? – Quem é então o homem de quem falas?, pergunta Dionísio. – É Ésquines, prosseguiu, um dos mais virtuosos discípulos de Sócrates, o mais afável em seus hábitos, o mais capaz de levar ao bom

caminho aqueles que o freqüentam. Ele atravessou os mares para poder travar contigo relações filosóficas e vê-se negligenciado.” Esse discurso impressionou Dionísio de tal maneira que, admirando a grandeza de alma e a nobreza de Platão, o tomou em seus braços e tratou depois Ésquines com deferências e provas de liberalidade.

A zombaria deve ser excluída da franqueza.

27. Em segundo lugar, devemos, de alguma maneira, varrer todo traço de insolência, ridículo, gracejo ou zombaria: são apenas maus paliativos a serem eliminados de toda linguagem franca. Um cirurgião, procedendo a uma incisão, tem necessidade de se servir de muita delicadeza e rigorosa destreza, e sua mão deve evitar toda negligência, todo gesto minucioso demais que a faria tremer, ferir ao lado, desviar-se. Da mesma maneira, a franqueza pode admitir habilidade e elegância, contanto que a benevolência preserve a dignidade; mas o orgulho, a acrimônia e a brutalidade, se aparecem, destroem-nas e assinalam seu desaparecimento. Por essa razão, foi irreplicável e espirituosa a reflexão daquele tocadour de lira que fechou a boca a Filipe (ele tinha procurado disputar com ele sobre a maneira de ferir as cordas): “Soberano”, disse ele, “o céu vos livre de serdes assaz infeliz para saberdes isso melhor que eu!” Mas Epicarmo não respondeu tão

corretamente a Hieron, que o convidava a jantar poucos dias após ter mandado matar vários de seus amigos. “Não me convidaste há pouco, quando sacrificaste teus amigos.” Foi igualmente deplorável a resposta de Antifonte que, enquanto se discutia na casa de Dionísio para saber qual era o melhor bronze, respondeu: “Aquele de que os atenienses se serviram para fundir as estátuas de Armódio e Aristógiton.” O que essas censuras têm de amargo e cáustico não corrige, e o que têm de grotesco e fútil está longe de divertir. Ora, esse gênero de atitude procede de uma falta de domínio, mesclada de violência e maldade, acompanhada de ódio. Adotando-a, provoca-se sua própria perda, por ter, como se diz, “dançado perto demais do poço”. De fato, Dionísio mandou matar Antifonte. Timágenes perdeu a amizade de César, não que lhe tivesse falado algum dia com uma linguagem livre, mas porque nos banquetes e colóquios, sem ter a menor intenção séria, mas somente com o propósito “de divertir os argivos”, ele se permitia a cada instante brincadeiras ofensivas, que julgava autorizadas pela amizade. Os Cômicos, com certeza, compuseram para a cena numerosíssimas e severas críticas satíricas que visavam à política, mas, aí misturando zombaria e pilhéria, assim como se mistura a vários alimentos um molho picante, tiravam à franqueza sua eficiência e utilidade. Elas conferiam aos poetas uma reputação de maldade e impudência, enquanto o público não tirava nenhum proveito desses discursos. Além disso, deve-se sempre, naturalmen-

te, levar a seus amigos o divertimento e o riso; mas que a franqueza guarde sua gravidade e seu caráter habitual, e, quando se trata de assuntos mais importantes, é preciso que o tom, o gesto e a dignidade do discurso acarretem a confiança e a persuasão.

A perda do momento oportuno faz sempre abortar as maiores coisas, mas torna sobretudo inútil a franqueza; deve-se então evitar isso, no vinho e na embriaguez, pois evidentemente cobrir de nuvens a serenidade de um belo céu é misturar ao divertimento e ao bom humor que aí reinam palavras que fazem franzir as sobrancelhas e espalhar a tristeza sobre os rostos; é declarar-se o inimigo do deus libertador que, segundo Píndaro, “desata a cadeia das expectativas penosas”⁹⁰. Aliás, esse contratempo comporta um inconveniente grave: o vinho leva à cólera e acontece freqüentemente que a embriaguez, em contato com a franqueza, gera o ódio. Em suma, há mais covardia que nobreza e coragem em se calar, quando se está sóbrio, e em só falar livremente no meio de uma refeição, como os cães poltrões que jamais latem tanto como em torno da mesa. Mas é inútil insistir sobre esse ponto.

*A franqueza deve concernir aos homens
favorecidos da sorte.*

28. Visto que muitos não pretendem advertir os amigos na prosperidade e não ousam fazê-lo, no mínimo consideram que o êxito é absolutamente inaces-

sível às admoestações e se situa fora de seu alcance; em compensação, se seus amigos sofreram alguns reveses que os abatem e os humilham, eles os atacam. Estão caídos no chão e ao alcance de golpes? Pisoteiam-nos e disparam sobre eles, como uma torrente refreada em seu curso, a cascata vertiginosa de sua linguagem franca, felizes como estão de aproveitar esse revés de fortuna para se vingarem dos menosprezos recentemente sofridos e de sua fraqueza de então. É por isso que não é inconveniente se estender um pouco sobre a questão e responder à fórmula euripidiana:

“Para que servem os amigos, quando se tem o sucesso?”⁹¹

De fato, são sobretudo as pessoas felizes que precisam dos amigos que falam com franqueza e rebai-xam o excesso de seu orgulho: pois há poucos homens que se mantêm sensatos na prosperidade. A maioria tem necessidade de um bom senso de empréstimo, e de raciocínios que, vindos de fora, reprimem neles o enfatuamento e a agitação causados pelos grandes sucessos. Mas, quando a fortuna deita abaixo seu orgulho com sua prosperidade, o próprio revés é uma admoestação muito forte para levá-los ao arrependimento. Eles não têm mais necessidade, então, da franqueza do amigo nem de censuras severas e mordazes. Mas, na verdade, nessas espécies de reveses,

“é doce encontrar um olhar benevolente”⁹²,

o de uma pessoa cuja presença nos consola e reconforta. Assim, no meio dos combates e perigos, segundo Xenofonte, o rosto doce e humano de Clearco suscitava mais coragem diante do perigo. Mas pronunciar palavras mordazes, e contudo plenas de franqueza, dirigidas a um homem infeliz equivale a submeter um olho doente e infectado a uma luz viva demais. Longe de curar ou aliviar seu mal, irrita-se, extenua-se um coração já magoado. Assim, um homem que passa bem de saúde, por exemplo, escuta tranqüilamente um amigo que o censura, não fica absolutamente irritado nem impaciente pelas admoestações de um amigo que lhe faz observar sua ligações e patuscadas, sua preguiça em praticar esporte, a freqüência de seus banhos, suas festanças intempestivas. Mas está ele doente? Vós vos tornais insuportáveis, agravais vosso mal, dizendo-lhe que ele deve seu estado à intemperança e à indolência, à boa comida e às relações com as mulheres: “Como és importuno, meu pobre homem!”, exclamará. “Faço meu testamento; os médicos preparam-me castóreo ou escamônea e tu, tu me dás lição e me pregas moral.” É que não convém aos infelizes nem franqueza nem sentenças morais, mas palavras doces e consoladoras. Com efeito, quando as crianças caem, as amas não acodem com a intenção de repreendê-las, mas procuram erguê-las, limpá-las, acalmá-las; e somente depois é que pensam nas punições e nas censuras. Conta-se que Demétrio de Falera, banido de sua pátria e levando uma vida de abandono e

miséria nos arredores de Tebas, viu um dia com pesar aproximar-se Crates, de quem temia a liberdade cínica e o discurso rude. Ora, este abordou-o com doçura e disse-lhe que o exílio não era uma condição desagradável com que devesse afligir-se, pois que o livrava da incerteza e da inconstância das coisas; ao mesmo tempo, exortou-o a procurar em si mesmo sua força e seu consolo. Demétrio, encantado com seus discursos, e retomando coragem, disse a seus amigos: “Ah! Como eu deploro hoje os cuidados e os trabalhos que me impediam de apreciar um tal homem!”:

“Um amigo indulgente conforta o aflito,
mas sabe contradizer um espírito insensato.”⁹³

É assim que agem os amigos generosos. As almas vis e inferiores, os adutores da prosperidade assemelham-se, como diz Demóstenes, “às fraturas e entorses cuja dor se aviva com o menor acidente”⁹⁴. Insultam-vos nos reveses e parecem fruir prazerosamente deles. De fato, se alguém necessita de uma observação nas ocasiões em que, por sua própria culpa, sofreu um revés por ter sido mal aconselhado, é suficiente dizer:

“Eu era, tu sabias, de opinião inteiramente contrária;
para te dissuadir fiz todo o meu possível!”⁹⁵

A ocasião é mãe da franqueza.

29. Em quais circunstâncias, pois, um amigo deve mostrar-se insistente e quando deve usar o tom da franqueza? Quando, sofrendo as investidas da volúpia, da cólera ou da violência, tem a ocasião de reprimir a cupidez ou de se opor a uma louca inconsciência. É assim que Sólon, vendo Creso orgulhar-se de uma felicidade efêmera, advertiu-o que pensasse em seu fim incerto. Da mesma maneira, Sócrates, esse censor de Alcibíades, soube contê-lo, comovendo-o até as lágrimas, e afligiu-lhe o coração. Tais foram as advertências de Ciro a Ciaxares ou de Platão a Dionísio. Na época feliz em que este último atraía, pela beleza e pela grandeza de seus feitos, a admiração do universo, esse filósofo o advertia que tivesse cautela, com temor “de uma confiança presunçosa que é vizinha da solidão”. Espeusipo também lhe escrevia que não devia orgulhar-se quando as mulheres e as crianças proclamavam seus louvores, mas tratar de dar à Sicília o adorno da piedade, da justiça e de uma excelente legislação para dignificar a Academia. Eucto e Eulaio, companheiros de Perseu, não o deixavam no tempo de sua prosperidade e não cessavam de agradecer-lhe em tudo e de seguir sua opinião. Mas, quando ele foi vencido e posto em fuga pelos romanos na batalha de Pidna, cumularam-no das mais amargas censuras, e lembraram-lhe minuciosamente seus erros e negligências nos termos mais ofensivos, a tal ponto que esse

infeliz príncipe, indignado de dor e cólera, matou os dois com seu punhal.

30. Essas, pois, são em geral as ocasiões em que se deve falar livremente; mas não convém negligenciar aquelas que nossos amigos nos oferecem. Muitas vezes, uma pergunta, um relato, a censura ou o elogio, atribuídos aos mesmos atos a respeito de pessoas diferentes, dão-nos uma abertura natural para falar com franqueza. Conta-se que Demarato, por exemplo, foi de Corinto à Macedônia na época em que Filipe estava em conflito com sua mulher e seu filho. Como esse príncipe, após uma acolhida calorosa, lhe tinha perguntado se os gregos viviam em acordo entre eles, Demarato, que era para ele um amigo devotado, replicou: “Olha que pergunta, Filipe, indagar da concórdia dos atenienses e dos peloponésios e ver com indiferença teu próprio palácio em que reinam as dissensões e os conflitos.” Boa atitude também a de Diógenes que, tendo vindo ao acampamento de Filipe quando este último marchava contra os gregos, foi conduzido diante do príncipe que, não o conhecendo, lhe perguntou se era um espião. “Um espião, Filipe, sim”, respondeu, “que veio para observar tua imprudência e tua loucura, que fazem, sem nenhuma necessidade, que jogues nos dados, no espaço de uma hora, tua coroa e tua vida.”

31. Essa resposta era talvez livre demais; mas uma outra ocasião favorável para repreender seu amigo

é aquela em que ele se torna humilhado e embaraçado pelas censuras que outros lhe fizeram a respeito de seus erros. É uma circunstância que poderia utilizar um homem de tato que, afastando para bem longe os censores, chamasse ele próprio à parte seu amigo para lhe fazer entender que, na falta de outras razões, deve cair em si, pelo menos para evitar a arrogância de seus inimigos: “Em que têm eles motivo para abrir a boca, que têm a dizer-te se negas, se rejeitas o que te acarreta essas críticas?” Assim, com efeito, se o insultador fere, o admoestador presta serviço. Alguns com mais elegância reconduzem seus amigos ao bom caminho criticando terceiros, pois é nos outros que estigmatizam os comportamentos que sabem ser os de seus amigos. Nosso mestre Amônio notou um dia, durante a aula da tarde, que alguns discípulos tinham tido um almoço copioso; ordenou então a seu escravo liberto que infligisse um castigo a um pequeno cativo de sua propriedade, acrescentando: “Não há almoço!” Dizendo isso, lançou sobre nós uma espiadela, a fim de que os culpados tomassem para si a censura.

A franqueza é geralmente acompanhada de discrição.

32. Evitemos ainda criticar nossos amigos em público, e meditemos esta tirada de Platão. Vendo Sócrates censurar com muita vivacidade um de seus dis-

cíbulos no decorrer de um banquete, ele lhe disse: “Não seria preferível fazer-lhe essas censuras em particular?” Sócrates então replicou: “E tu? Não podias esperar que estivéssemos sós, para me dizeres isso?” Diz-se que Pitágoras fez publicamente a um de seus jovens discípulos uma reflexão tão violenta que o rapaz se enforcou de desespero. Depois desse acontecimento, o ilustre homem a ninguém mais censurou diante de testemunha. O vício, com efeito, é uma doença vergonhosa que deve ser tratada e revelada em segredo, e não em público, com ostentação e reunindo testemunhas e espectadores. É próprio de um sofista e não de um amigo fazer-se valer, graças aos erros alheios, e pavonear-se como esses charlatães que fazem suas operações nos teatros para obter clientes. É sem brutalidade (e é justo não recorrer a ela em nenhuma terapia) que se deve considerar o aspecto relutante e impertinente do vício. De fato, não é simplesmente “o amor que, censurado, se torna mais opressivo ainda”, como diz Eurípidés⁹⁶, mas são todos os vícios e todas as paixões que, depois de censurados rigorosamente em público, são levados à insolência. Platão quer que os velhos, para inspirar respeito aos jovens, respeitem a estes primeiro. Da mesma maneira, a franqueza dos amigos, cheia de escrúpulos, é aquela que inspira mais vergonha. A delicadeza e a doçura com as quais se tenta persuadir um culpado corroem e destroem seu vício, que se enche de embaraço diante do retraimento de que se dá prova. É por isso que este verso é excelente:

“Ele aproxima sua cabeça, a fim de que ninguém
[perceba.”⁹⁷

Nada, por exemplo, é menos conveniente que revelar os erros do marido quando a mulher ouve, do pai sob os olhos de seus filhos, do amante diante do ser amado. Fica-se profundamente penalizado e indignado, quando se é humilhado diante das pessoas aos olhos das quais se pretende brilhar. Se Clito irritou Alexandre, não foi tanto, creio eu, por causa de sua embriaguez, como pela afronta de se ver censurado publicamente. Aristômenes, governador do rei Ptolomeu, tendo despertado esse príncipe, que pegava no sono enquanto dava audiência a embaixadores, forneceu aos bajuladores a ocasião de perdê-lo; e, fingindo a mais viva indignação, como se a honra do príncipe tivesse sido atingida, disseram-lhe: “Se tantas fadigas e vigílias te fizeram perder a cabeça, é em particular que se deve advertir-te, e não querer levantar a mão contra ti diante de uma tão vasta assembléia.” E o príncipe mandou enviar a seu mestre uma taça de veneno com ordem de bebê-lo. Aristófanes conta-nos que Cléon o acusava de “falar mal da Cidade na presença de estrangeiros”⁹⁸ e que assim excitava os atenienses ao rancor. Não empreguemos, então, jamais a franqueza diante dos outros se não desejamos brilhar em público ou arrastar as multidões, mas usar a linguagem franca com fins úteis e curativos.

Necessidade da autoridade moral.

Quem quer que fale com franqueza deveria poder aplicar a si próprio estas belas palavras que Tucídides põe na boca dos coríntios, quando dizem de si mesmos “que são dignos de lançar a censura sobre os outros”⁹⁹. Um enviado de Mégara, na assembléia dos confederados, proferia verdades em nome da Grécia. “Teus discursos”, dizia-lhe Lisandro, “tinham necessidade de uma cidade.” Iguamente se pode dizer que a franqueza tem necessidade de costumes puros, e nada é mais verdadeiro para quem se ocupa de censurar os outros. Platão dizia que a vida de Espeusipo era uma lição contínua. Assim, quando Póleon entrou no curso de Xenócrates, só pelos olhares desse filósofo caiu em si e foi levado novamente à virtude. Mas se um homem frívolo e sem valor moral se põe a falar com franqueza pode-se objetar:

“Todo coberto de pústulas, queres cuidar dos outros.”¹⁰⁰

*Devemos incluir-nos na crítica
que dirigimos aos outros.*

33. Entretanto, como é freqüentemente a pessoas sem valor moral relacionadas com interlocutores da mesma espécie que as circunstâncias levam a fazer advertências, a maneira mais conveniente de fazê-lo

seria envolver-nos e incluir-nos de algum modo na censura, quando usamos de franqueza. É nessa perspectiva que se diz:

“Filho de Tideu, que nos acontece
para que tenhamos esquecido nosso coração tão
[impetuoso?”¹⁰¹

e

“Apenas contra Heitor nossas mãos são impotentes.”¹⁰²

Citaremos também Sócrates, que advertia os jovens de seus erros, desenvolvendo precauções infinitas. Parecia estar como eles na ignorância e aplicar-se à prática das virtudes e à busca da verdade. Concede-se, com efeito, sua confiança e sua amizade àquele que parece cometer os mesmos erros que nós, e querer corrigir seus amigos como alguém o faz a si próprio. Mas, aquele que se faz passar por um homem incensurável e isento de toda paixão, a menos que tenha sobre nós uma grande superioridade de idade ou um prestígio reconhecido de virtude e de glória, torna-se odioso, insuportável, sem ser útil. Bem habilmente, então, Fênix contou seus próprios infortúnios, os de um homem levado pela cólera a tentar matar seu pai, projeto que logo abandonou por temor

“de levar entre os gregos o nome de parricida”¹⁰³.

Ele não quer, advertindo Aquiles, deixar crer que ele próprio foi incapaz de se entregar à cólera e que era irrepreensível. Essas espécies de admoestações penetram o coração de maneira persuasiva, e cedemos sem dificuldade àqueles que, longe de nos menosprezar, parecem condescender com nossas fraquezas.

Pode-se introduzir um elogio discreto na crítica.

Um olho inflamado não pode suportar o dia claro, nem uma alma afetada de uma paixão violenta, uma censura sem concessão feita com franqueza demais. O meio mais seguro de fazê-la receber tal admoestação consiste em introduzir nesta última algum louvor discreto, como nestes versos:

“Não é honroso abandonardes vosso vigor ardente,
vós todos aqui os melhores do exército. Eu, por mim,
[não
entraria em contenda com um guerreiro sem valor que
abandonasse a guerra;
mas por vós sinto uma indignação profunda.”¹⁰⁴

e ainda:

“Pândaro, onde estão, pois, teu arco, tuas flechas aladas
e tua fama que aqui ninguém iguala?”¹⁰⁵

E é bem evidente que exortações como estas revigoram os espíritos desanimados:

“Onde estão Édipo e seu famoso enigma?”¹⁰⁶

e

“É assim que se exprime a sombra do grande Hércules?”¹⁰⁷

Com isso não somente se abranda o que a censura tem de duro e imperioso, mas enche-se de emulação um coração que com a lembrança das belas ações se envergonha de seus erros e toma a si mesmo como modelo do bem que deve fazer.

Evitar louvar um terceiro criticando outro.

Quando, ao contrário, pomos em paralelo outras pessoas, por exemplo, da mesma idade, da mesma cidade, ou da mesma família, a obstinação natural do vício revolta-se e exaspera-se; muitas vezes ela se compraz em responder com cólera: “Por que então não ir ter com essas pessoas que têm mais valor que eu? Não cessarás de me importunar?” Evitemos, pois, censurando alguém, fazer o elogio de um outro, a menos, por Zeus, que seja o de um pai, como faz Agamêmnon:

“Como o filho de Tideu é pouco digno dele!”¹⁰⁸

e Ulisses na tragédia dos *Círios*:

“E tu, que deslustras o magnífico brilho da raça,
fias a lâ, tu que tens como pai o mais valente dos
[gregos.”¹⁰⁹

Evitar a polémica.

34. Nada é menos conveniente ainda do que opor censura à censura e franqueza à franqueza. É o meio de acender logo a cólera e fazer nascer a desavença. Conflitos desse gênero caracterizam, em geral, não uma franqueza recíproca, mas a franqueza de um homem que não suporta a dos outros. É melhor, pois, receber com tolerância as admoestações de um amigo; e, se ele próprio, mais tarde, por ter caído em algum erro, tem necessidade de nossa advertência, a franqueza que usou conosco autoriza a nossa para com ele. Tem-se o direito de lembrar-lhe, sem o menor ressentimento, que ele próprio tem o costume de apresentar livremente a seus amigos seus erros e que esses foram o objeto de suas censuras e advertências; e essa lembrança o tornará mais afável e mais paciente com uma correção que sente ser ditada não por um desejo de represálias e recriminação, mas por um sentimento de benevolência e amizade.

Deve-se reservar a crítica para os casos excepcionais.

35. Acrescentemos esta tirada de Tucídides: “Quando se realizam grandes projetos, incorre-se na hostilidade dos outros.”¹¹⁰ Da mesma maneira, um amigo pode correr o risco de desagradar por suas advertências, quando o objetivo é importante e absolutamente excepcional. Se, ao contrário, tomando menos o tom de um amigo que o de um pedante, fica de mau humor a propósito de tudo e contra tudo, suas advertências nas conjunturas capitais perderão sua força e seu efeito, porque terá abusado da franqueza como um médico que aplica a doenças insignificantes um medicamento acre e amargo, mas indispensável e oneroso, que se dá apenas nos casos mais críticos. Evitará, pois, com cuidado essa propensão para a censura. Se um outro, salientando as menores particularidades, quer fazer de tudo um crime, isso será para ele um motivo para censurar os erros mais consideráveis. O médico Filótimo disse um dia a um doente acometido por um abcesso no fígado e que lhe apresentava um dedo cheio de pus: “Meu amigo, não é no panarício que reside teu problema.” Pois bem! pode apresentar-se também a um amigo a ocasião de dizer a um homem que faz reparos sobre coisas sem importância e sem valor: “Por que estamos falando de brincadeiras, bebidas e ninharias? Que ele mande embora, meu caro, sua amante e deixe de jogar dados. Quanto ao resto, julgaremos que é um

homem admirável.” Perdoar facilmente os pequenos erros é adquirir o direito de censurar os maiores sem desagradar. Mas aquele que, como verdadeiro modelo de acrimônia e de amargura, faz observar tudo escrupulosamente e se ocupa de tudo, torna-se insuportável a seus filhos, a seus irmãos, e detestável mesmo a seus escravos.

Sejamos benevolentes na crítica.

36. Como nem tudo na velhice é desagradável, segundo Eurípides¹¹¹, assim também não se encontram todos os males reunidos nas imperfeições de nossos amigos. Deve-se então observar não só o mal, mas ainda o bem que podem fazer, e começar por louvá-los de bom grado. Quando o ferro foi amolecido e dilatado pelo fogo, dá-se-lhe a têmpera, que o torna mais compacto. Da mesma maneira, quando os amigos estão de bom humor e inflamados pelo elogio, pode-se dar, por assim dizer, uma boa têmpera à sua alma, empregando com doçura a franqueza. É o momento de lhes dizer: “Tuas últimas ações são dignas das primeiras? Vês que bens produz a virtude? Eis o que exigimos nós, teus amigos, aí está o que é apropriado para ti; para isso nasceste; aquilo, ao contrário, deve ser rejeitado

nos montes ou na espuma do mar bramador.”¹¹²

Com efeito, como um médico compassivo pode querer expulsar a doença de seu paciente pelo sono e pela alimentação, de preferência ao uso do castóreo e da escamônea, assim também um amigo verdadeiro, um pai terno, um bom preceptor, quando quiser corrigir-nos, preferirá sempre o louvor à censura. Nada torna as censuras menos penosas e mais salutares do que evitar a exaltação e empregar o tom da doçura e da afeição. Não se deve nem acusar duramente os que negam seu erro, nem se recusar a ouvir sua justificação, mas, ao contrário, sugerir-lhes meios honestos de defesa, fechar os olhos sobre o que sua causa tem de desvantajoso para vê-la somente sob uma luz favorável. É o que faz Heitor, dizendo a seu irmão:

“Não convém, infeliz insensato,
pôr no coração uma tal cólera.”¹¹³

Ele faz considerar sua retirada do combate não como uma fuga, mas como um efeito de sua exaltação. Nestor faz o mesmo quando diz a Agamêmnon:

“Mas tu cedeste ao arrebatamento de uma alma
[magnânima].”¹¹⁴

Não é mais honesto dizer: “Não refletiste”, ou “Não sabias” do que dizer “Cometestes uma injustiça, uma ação indigna”, ou ainda: “Não questiones com teu irmão” de preferência a “Não invejes teu irmão” e

“Evita esta mulher que te perde” de preferência a “Deixa de corromper esta mulher”?

A eficácia da franqueza imediata.

Eis aí como a franqueza deve reparar o mal já cometido; mas trata-se de preveni-lo? Ela comporta-se ao contrário. É preciso, por exemplo, afastar alguém de um erro que vai cometer, reprimir uma paixão desenfreada, dar força e energia a uma alma fraca e indolente que visa a uma ação notável? É então que se devem apresentar-lhe com veemência os motivos indignos que a fazem agir: como Ulisses, em Sófocles, para irritar Aquiles, lhe diz que sua cólera não é causada pela refeição, mas pela “vista assustadora das muralhas de Tróia”¹¹⁵; e como Aquiles, indignado, ameaça tornar a embarcar, Ulisses acrescenta:

“Eu sei o que evitas; não é ouvir ofensas,
mas que Heitor esteja perto; é belo encher-se de cólera!”

Eis como, mostrando ao homem enérgico e corajoso a desonra da covardia, ao homem casto e sensato a da incontidência, a um coração generoso e magnífico a da mesquinha e da avareza, nós os afastamos do vício e os levamos à virtude. Nos casos em que não há mais remédio, é preciso falar com doçura, de sorte que as advertências pareçam menos concernir à censura que à compaixão e ao pesar. Mas trata-

se de prevenir as quedas e combater paixões que dominam? É o caso dessa franqueza verdadeira, que não usa cautela. Censurar os erros cometidos é o que fazem comumente os inimigos. Assim, Diógenes dizia que, “se se quer encontrar a salvação, se deve ter bons amigos e ardentes inimigos, porque os primeiros vos dão lições e os segundos vos censuram”. Ora, é preferível evitar erros, ouvindo os conselhos, a ser levado, sob o efeito da reprovação, ao arrependimento de tê-los cometido. É uma razão suplementar para mostrar habilidade, mesmo quando se fala francamente, pois a franqueza é na amizade o remédio mais poderoso e mais eficaz, que requer continuamente e no mais alto grau um espírito oportunista e um temperamento cheio de doçura.

Do apaziguamento.

37. Como a franqueza é muitas vezes penosa para aquele que se quer curar, devem-se imitar os médicos. Quando eles praticam uma incisão, não abandonam à sua dor e ao seu sofrimento a parte doente: aplicam com doçura lavagens e compressas. Da mesma maneira, aqueles que sabem advertir com habilidade não se retiram após ter lançado censura severa e mordaz. Mas, por conversas de um outro gênero, por palavras amáveis, adoçam e diluem a amargura de suas palavras. Assim fazem os artistas que talham a pedra, quando dão polimento e brilho às partes das

estátuas que, a poder de golpes, foram talhadas. Mas se, com o golpe da franqueza, se fere até deixar cicatrizes, se, quando o paciente está exasperado, só se permite que ele escape após tê-lo coberto de tumores e contusões, a cólera o impedirá de voltar, e as palavras já não agirão sobre ele. Está aí, pois, um erro que se deve, acima de tudo, pôr de parte. Evitemos, então, com o maior cuidado, quando advertimos nossos amigos, abandoná-los o mais rápido possível e terminar nossa conversa com palavras mordazes que possam humilhá-los.

Notas

As Imposturas de Alcibiades

1. *De capienda ex inimicis utilitate* ou *De cap.*, 88 E-90 E.
2. *De cap.*, 90 C-D.
3. *De cap.*, 90 E.
4. *De cap.*, 90 E-91 E.
5. *De adulate et amico*, 51 C.
6. *Ibid.*, 51 D.
7. *Ibid.*, 51 D.
8. *Ibid.*, 57 A.
9. *Ibid.*, 57 C-D.
10. Sobre esta expressão ler-se-á B. Gracián, *L'homme de cour (Oráculo manual y arte de prudencia)*, máxima 274, traduzido por Amelot de la Houssaye (reed. Paris, Grasset, 1924) e o comentário de Vladimir Jankélévitch, *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien*, “la manière et l'occasion”, tomo I, Paris, 1980, p. 24.
11. *De adulate...*, 59 D-F.
12. *Ibid.*, 58 B.
13. Ler Spinoza, *Ética*, IV, cap. 21 (*adulatio*).
14. *De adulate...*, 52 D-E.
15. *Ibid.*, 56 D.
16. *Ibid.*, 56 C.
17. *Ibid.*, 56 F.

18. La Bruyère, *Les caractères*, VIII.
19. *De adulate...*, 49 B.
20. *Ibid.*, 51 F.
21. *Ibid.*, 53 C.
22. *Ibid.*, 60 A.
23. *Ibid.*, 50 D.
24. *Ibid.*, 60 C. 23. *Ibid.*, 50 D.
25. *Ibid.*, 52 D-E.
26. *Ibid.*, 49 C. – Gracián, no *Oráculo manual*, mostra que a arte do *heroe*, versão superior do bajulador, consiste em saber livrar-se dos infelizes: devemos “conhecer as pessoas felizes para nos servirmos delas, e as infelizes para delas nos afastarmos” (cap. 31).
27. *Ibid.*, 66 A-F.
28. *Ibid.*, 70 D-F.
29. Sobre esta questão, ler-se-á Vladimir Jankélévitch, *Les vertus et l'amour*, I, Paris, 1986, pp. 220 ss.

Como Tirar Proveito de seus Inimigos

1. Cneu Cornélio Pulquério era procurador da Acaia no fim da vida de Plutarco.
2. Sobre a moderação política segundo Plutarco, ler *Praecepta gerendae reipublicae*, 810 B.
3. Curiosidade já assinalada em Plínio, *Hist. nat.*, XI, 28, 99. A obra de Plutarco está repleta de anedotas referentes aos *naturalia*; lê-se por exemplo que o gato tem horror ao perfume (*Conjugalia praecepta*, 144 C-D), que o polvo devora seus tentáculos no inverno (*De communibus notitiis*, 1059 E) ou então que se desventram os ratos das minas para extrair de suas entranhas o ouro que engoliram (*De cupiditate diuitiarum*, 526 B). Sobre todas essas curiosidades, ler a tese de François Fuhrmann, *Les images de Plutarque*, Paris, 1964, p. 59, nota 2.
4. Ler o *De amicorum multitudine*, 96 A *infra*.

5. *Econômico*, I, 15, e *Ciropedia*, I, 6, 11.
6. Tratado dos *Moralia* registrado sob a expressão latina *Praecepta gerendae reipublicae*, 798 A ss. Essa dedicatória a um notável romano, leitor assíduo das obras políticas de Plutarco, traduz da parte do escritor um desejo de recomendar sua obra tanto aos gregos como aos romanos, a fim de enaltecer esse entendimento leal e esse igualitarismo que ele gostaria de ver se instaurar entre os cidadãos dos municípios gregos e a autoridade imperial romana.
7. Ler o *De sollertia animalium*, 964 A e 965 B.
8. *Econômico*, I, 15, e *Ciropedia*, I, 6, 11.
9. Amizade e inimizade recorrem freqüentemente, na obra de Plutarco, a comparações físicas: a amizade que tem sua voz própria, a franqueza, não se deixa afrouxar ao sabor das circunstâncias como uma bolina de navio (*De amicorum multitudine*, 95 F); mas acontece que ela se deteriora como as armas e os utensílios (*De fraterno amore*, 481 E). Os amigos dos ricos assemelham-se a um enxame de moscas errantes afuroando em suas cozinhas; e, quando a alimentação começa a faltar, esses insetos parasitas voam e deixam os lugares vazios (*De amicorum multitudine*, 94 B). Multiplicando demais nossos amigos, somos dignos dessas mulheres devassas que não podem permanecer fiéis a seus primeiros amores, porque se entregam incessantemente a novos (*id.*, 93 CD) ... Sobre essas imagens, deve-se consultar a tese de Fuhrmann, pp. 224 a 226.
10. Versos de Ésquilo, *Prométhée allumeur de feu*. Ver Nauck, *Trag. Graec Frag.* (abreviado em T. G. F.) n° 207.
11. Diógenes, o Cínico. Cf. Diógenes Laércio, VI, 20 ss.
12. Crates de Tebas (não confundir com Crates, poeta cômico do século V, conhecido muito fragmentariamente) foi o aluno de Diógenes. Nascido de uma família rica, abandonou sua fortuna para tornar-se filósofo. Plutarco, que o cita freqüentemente como modelo de renúncia aos bens deste mundo (cf. *De uitando aere alieno*, 831 F), teria escrito, segundo o imperador Juliano (*Or.*, IX [VI], 200 B), uma *Vida de Crates* cujo texto se perdeu.

13. Zenon foi por sua vez discípulo de Crates antes de ser o fundador do estoicismo. Essa anedota foi aproveitada por Plutarco (cf. o *De tranquillitate animi*, 467 C, e o *De Exsilio*, 603 D). Sêneca, o Filósofo, apropria-se dela, por sua vez, em um texto intitulado *A tranqüilidade da alma*. Aí se lê especialmente que, quando ele soube do naufrágio em que tudo que possuía acabava de ser submerso, nosso Zenon disse: “A Fortuna quer que eu filosofe mais à vontade.” (*Nuntiato naufragio, Zenon noster, cum omnia sua audiret submersa: “Tubet, inquit, me fortuna expeditius philosophari.”* – *De tranquillitate animi*, XIV, 3.)

14. Linceu, filho de Afareu, pertence à raça dos Perseidas; tomou parte especialmente na expedição dos Argonautas em que foi aproveitado por sua vista penetrante (ele via, por exemplo, através de uma prancha de carvalho). Mitógrafos como Paléfato (*Des histoires incroyables*, X) imaginaram uma interpretação evemerista da lenda de Linceu: ele teria sido o primeiro mineiro que cavou o solo e que, com o auxílio de uma lâmpada, seguiu os filões do metal; teria trazido o minério à luz, e esse ato ter-lhe-ia valido a reputação de ver sob a terra. Ver igualmente Tzetzés, *Commentaires* sobre Licofron (*Alexandra*), edição G. Müller, 3 vols., Leipzig, 1811, 553. Para a tradução da palavra ὄστράκων (terracota, objetos de terracota), retomamos a interpretação de Amyot (“telhas”).

15. Ver a imagem do *De fraterno amore* (490 C) em que o indagador indiscreto perscruta no indizível (ὕπορύττοντα τῶν ἀπορρήτων ἔνια).

16. A calma das paixões e a virtude constituem para Plutarco a boa saúde da alma. O amigo sempre estimula o que há de melhor num homem, como um médico que se empenha em manter a saúde (*De adulatore et amico*, 61 D); não há de maneira nenhuma necessidade de alimentos supérfluos para um homem são; a razão dá-lhe uma tensão e uma forma excelente com o tempo (*De cobibenda ira*, 453 E).

17. *Ilíada*, I, 255.

18. Ver também *Vida de Demóstenes*, 22, 4.
19. Sobre Cipião Nasica (P. Cornelius Scipio Nasica), filho de Cneu Cornélio Cipião Calvo, ver Tito-Lívio, XXXV e XXXVI.
20. Já citado no *De audiendis poetis*, 21 E.
21. Ésquilo, *Sete contra Tebas*, 593 ss.
22. *Fragmentos*, 229.
23. *Sobre a falsa embaixada*, 208.
24. Eurípides, *Orestes*, 251.
25. Verso tirado de uma peça de Eurípides (Nauck, T. G. F., Eurípides, n.º 1086, p. 703), citado igualmente no *De adulatore et amico*, 71 F.
26. Não sabemos de que obra de Platão Plutarco toma esta reflexão que cita mais três vezes nos *Moralia* (*De audiendo*, 40 D, *De tuenda sanitate praecepta*, 129 D, e *De cobibenda ira*, 463 E). Pode-se observar que, se a atitude expressa por essa interrogação pode fazer lembrar o preceito socrático “conhece-te a ti mesmo”, ela aproxima-se, de preferência, da prática estoíca do exame de consciência. Lê-se, por exemplo, no *De ira* de Sêneca: “Os vícios alheios estão diante de nossos olhos, os nossos atrás de nossas costas... Uma grande parte dos homens irrita-se não contra o delito, mas contra os delinqüentes. Tornar-nos-emos mais moderados, observando-nos a nós próprios, sondando nossa consciência. Será que também nós não cometemos nada semelhante? Caímos nos mesmos erros? Cabe efetivamente a nós condenar essas práticas?” (II, XXVIII, 8; ver também III, XXXVI-XXXVII).
27. O texto grego precisa: ἀνδροκτόνου γυναικὸς (de uma mulher assassina de seu esposo).
28. Verso tirado do *Alcmeão* de Eurípides (Nauck, T. G. F., *adesp.* n.º 358, p. 906).
29. Ver nota precedente.
30. A lampreia (moréia) de Crasso era célebre. Lúcio Licino Crasso, que foi censor em 92 a.C., nada tem a ver com o triúmviro.
31. Passo tirado de uma peça desconhecida.

32. Em outros textos (*De adulatore*, 74 C e *De profectibus in uirtute*, 82 A), essa observação é atribuída a Diógenes.

33. Télefo, ferido por Aquiles na coxa com um golpe de lança, deveu sua cura tão-só à limalha que se achava sobre sua arma. Cf. *De audiendo*, 46 F.

34. Cognome provável de Jasão de Feras. Ver Cícero, *De la nature des dieux*, III, 28, 70.

35. Lê-se na *Vida de César*, IV, 9: “Entretanto, quando vejo sua cabeleira tão artisticamente arrumada, quando o vejo coçar sua cabeça com um só dedo (τὴν κόμην ἐνὶ δακτύλῳ κνῶμενον), já não me parece concebível que esse homem tenha podido pôr em seu espírito um crime tal como a derrogação da constituição romana.” (trad. R. Flacelière) Cf. Suetônio, *Vida de César*, 45, 3-4. Coçar a cabeça com um só dedo (sem dúvida para não desmanchar seu penteado) era tido como gesto de um efeminado. Ver igualmente Luciano, *O mestre de retórica* 11; Juvenal, IX, 133 e Juliano, *O banquetes ou As saturnais*, 323 B.

36. Trata-se esta vez do ávido Marco Licínio Crasso, o triúmviro. Ver Plutarco, *Crassus*, I.

37. Por outras palavras, uma vestal. Ver Tito Lívio, IV, 44.

38. Cf. *Vida de Temístocles*, 23.

39. Dístico tomado a *Cresphonte*, tragédia perdida de Eurípidés. Cf. Nauck, T. G. F., Eurípidés, p. 458, p. 501.

40. Citação de Platão (*Leis*, 731 e) freqüentemente repetida no desenvolvimento deste tratado.

41. Expressões desconhecidas, salvo a segunda, freqüente nos poemas homéricos: citemos *Il.*, IV, 350 ou *XIV*, 83.

42. *Leis*, 717 e, e 935 a.

43. Cf. *De garrulitate*, 515 A. Passo manifestamente interpolado, difícil, portanto, de compreender.

44. Citação de origem desconhecida.

45. Ver nota precedente.

46. Xantipa, exemplo perfeito da megera indomesticável, não é uma figura de Platão. Provém da tradição cínica que extraiu de Xenofonte esse traço. Ver por exemplo *Banquete*, 2, 10.

47. Píndaro, *Fragmentos*, 123.
48. Anedota freqüentemente repetida: cf. *César*, 57, ou *Cícero*, 40.
49. Plutarco habitualmente desconfia das alegrias perversas que, sob pretextos na aparência estimáveis, se instalam na alma e acabam por se transformar em taras morais. Devem-se, então, desprezar as aparências mais deleitáveis: por exemplo, os elogios de um sicofanta não passam de uma malevolência que hesita em manifestar-se sob a linguagem da amenidade; eles têm a perfídia do escaravelho que evita o olhar e encontra abrigo no cálice de uma rosa (ver *De Herodoti malignitate*, 874 B C e *Adversus Coloten*, 1120 D).
50. Plutarco, *Quaestiones coniuuales*, VIII, 729 E.
51. Um erro introduziu-se no passo: foi Cneu Domício Ahenobarbo, tribuno do povo em 104 a.C., que desempenhou as funções de acusador, pretendendo que Escauro tinha violado ritos no decurso de uma cerimônia; quanto ao escravo, ele pertencia ao próprio Escauro. Sobre essa anedota, ler Cícero, *Pro rege Deiotaro*, 11 (31).
52. Ver Edmonds, *Lyra graeca*, II, p. 278.
53. Píndaro, *Fragmentos*, 212.
54. Trata-se aqui das valas de derivação pelas quais se desvia a água. A imagem é freqüente no *De fraterno amore*, 487 F, ou nas *Memoráveis* de Xenofonte, I, 4, 6.
55. Expressão quase proverbial tomada de Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*, 25-26, depois 24).
56. Plutarco cita com freqüência esta palavra; ver por exemplo *Vida de Temístocles*, 3, 3.
57. *Leis*, 728 a.
58. *Fragmentsos*, 4, 10-11.
59. Ver *supra*.

Da Maneira de Distinguir o Bajulador do Amigo

1. Caio Júlio Antíoco Filopapo, descendente dos reis de Comagena, foi destituído por Vespasiano em 72, antes de vir instalar-se em Atenas, onde desempenhou um papel eminente na qualidade de corego e arconte. Sobre Filopapo, consultar B. Puech, *Le cercle de Plutarque*, 1979, tese de terceiro ciclo (Paris-IV).

2. Platão, *Leis*, 731 d e.

3. Aristóteles escreve: “Como todos os homens naturalmente têm amor-próprio, todos consideram normalmente como agradáveis os objetos que lhes pertencem particularmente, quero dizer seus discursos e suas obras. É por isso que amam com mais freqüência seus bajuladores, seus amantes, suas dignidades, seus filhos, pois seus filhos são sua obra.” (Ἐπεὶ δὲ φίλαυτοι πάντες, καὶ τὰ αὐτῶν ἀνάγκη ἡδέα εἶναι πᾶσιν, οἷον ἔργα καὶ λόγους. Διὸ καὶ φιλοκόλακες ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ [καὶ φιλερασταὶ] καὶ φιλότιμοι καὶ φιλότεκνοι· αὐτῶν γὰρ ἔργον τὰ τέκνα. *Retórica*, 1371 b, 21-25.) Erasmo traduz a expressão grega σφόδρα φίλαυτός ἐστι pelas palavras *uebe-menter est amans sui* (ver os *Opuscula Plutarchi nuper traducta, Erasmo Roterodamo interprete: Quo pacto quis efficere possit ut capiat utilitatem ab inimico...*, Basiléia, J. Froben, 1514, in-4.º).

4. Platão, *Leis* 730 c.

5. Bergk, *Poet. Lyr. Gr.*, III, 393. Certos manuscritos propõem λακύθω Amyot segue essa variante; ele traduz e comenta tudo junto: “L’entretenir écurie ne suit point la lampe, ains les champs à bled: c’est-à-dire que ce n’est point à faire à pauvres gens à entretenir grands chevaux, ains à ceulx qui ont beaucoup de revenu.” Como lembra J. Sirinelli, é Vulcobius que propôs Zacinto, ilha arborizada e pouco propícia às pastagens, para explicar a oposição (*op. cit.*, p. 280, nota 2, que leva à página 85).

6. Plutarco multiplica em sua obra esses exemplos realis-

tas: ele escreve, num outro lugar, que as paixões nascem na alma como vermes e larvas (*De superstitione*, 165 B) ou que o amor, decepcionado pela feiúra física, se afasta a exemplo dos escaravelhos que abandonam o perfume pelo estrume (*Quaestiones coniuales*, 692 E).

7. Imagem tópica; a moeda é sempre em Plutarco a imagem da autenticidade; testar-se-á então o amigo como uma moeda.

8. Cf. Plutarco, *De curiositate*, 517 A.

9. Trata-se daqueles que, por amor de si, são vítimas dos aliciadores e dos bajuladores.

10. Hesíodo, *Teogonia*, 64.

11. Eurípides, *Íon*, 732.

12. Cf. *Moralia*, 126 D, 697 D e 1010 C. Plutarco faz alusão a Eveno de Paros, sofista e poeta elegíaco, mais ou menos contemporâneo de Sócrates. Cf. as alusões de Platão a Eveno: *Apol.* 20 a b; *Fédon*, 60 a, 61 b; *Fedro*, 267 a.

13. Na *Vida de Fócion*, Plutarco lembra que os reis somente recorrem aos bajuladores após terem lavado as mãos, isto é, no momento das refeições, no qual os assuntos pouco sérios podem ser abordados. Ateneu determina-o igualmente (9, 408 F). Além disso, Plutarco, fiel às normas da Comédia Média e da Nova, sabe estabelecer a diferença entre o bajulador e o parasita; este ostenta uma fisionomia sorridente, mas suas orelhas trazem a marca dos golpes; aquele alardeia gravidade; franze a sobrancelha, como o mostra Pólux (IV, 148).

14. Citação dos *Bajuladores* de Êupolis (Kock, *Com. Att. Frag.*, I, fr. 162).

15. Esses “scevoliseurs”, propõe Antoine du Saix numa tradução que data de 1537. Como o jovem Mucius Scaevola que não temeu a prova do fogo, o bajulador não receia nem a chama, nem o ferro, nem o bronze quando se trata de ir comer.

16. A história é mencionada em *Ateneu*, VI, 256 c d. Plutarco usa aí um jogo de palavras intraduzível que se apóia em *κολακίδες* (as bajuladoras) e *κλιμακίδες* (as pequenas escadas). Cf. Montaigne, *Ensaio*s, II, 12.

17. Liter. “segundo a maneira do ator do drama satírico” (ὕποκριτῆς σατυρικός).

18. *República*, 361 a.

19. Ver Heródoto, III, 78.

20. Nauck, T. G. F., *Adesp*, n.º 362.

21. A propósito deste passo, Racine escreve em seu exemplar dos *Moralia* (B.N. Paris, Rés. J. 105): “Il n’y a point d’yvrouie plus dangereuse que celle qui ressemble le plus au bled” (*Hérétiques déguisés*).

22. Ver o *De amicorum multitudine*, 96 D.

23. “Como cera quente”, propõe du Saix. Erasmo mantém-se fiel a Plutarco (*ceu materiam*).

24. Snell, T. G. F. II, *Adesp*. Fr. 363.

25. *Fedro*, 239 c.

26. Assim traduzimos a paronomásia ἔθη καὶ ἥθη (disposições morais e hábitos). Ver igualmente Platão, *Leis*, XII, 968 d.

27. Comédia perdida (Kock, *Com. Graec. Frag. Com. ad.* 1206) Cf. igualmente Aristóteles, *Retórica*, 1371 b 12. O provérbio final equivale ao *Simile gaudet simili*, muitas vezes citado e que se encontra nos *Adágios* de Erasmo.

28. O desenvolvimento que segue lembra um passo dos *Praecepta gerendae reipublicae*, 800 A ss.

29. Reminiscência de um passo da *República*, 493 a.

30. Ἀπλοῦς é freqüentemente oposto a ποικίλος (diverso) em Platão. Este último vocábulo aplica-se com muita freqüência a Alcibíades.

31. Certos editores preferem à palavra πίθηκος (o macaco) o vocábulo ὄψος (o grande bufo). Com efeito, essa ave de rapina noturna, segundo Aristóteles (*Hist. Nat.*, 597 b), é maliciosa e imitadora.

32. Ou “as cervas malhadas” (βαλίαις ἐλόφοις). Citação de Eurípidés, *Hipólito*, 218-219 invertidos.

33. Cf. sobretudo *De Iside*, 352 D.

34. *Odisséia*, XXII, 1.

35. Ler Aristóteles, *Política*, 1292 a 20.
36. Imagem tópica: ler Fuhrmann, *op. cit.*, pp. 147-148.
37. *Odisséia*, XVI, 181.
38. *Antígona*, 533.
39. Liter.: “Ele parece tanto mais afastado de censurar o vício quanto mais se dedica a imitá-lo.”
40. Bergk, *Poet. Lyr. Gr.* iii 4, p. 669 (Carm. pop. 35).
41. Kock, *Com. Att. Frag.* I Êupolis, frag. 346.
42. Calímaco, *Aetia*, fr. I, 20.
43. *Ilíada*, XI, 643.
44. *Odisséia*, IV, 178.
45. Ver Platão, *Górgias*, 465 b.
46. O nardo é uma valeriana.
47. O castóreo é uma secreção do castor, utilizada como remédio antiespasmódico.
48. Sobre o pólio (πόλιον), ou carvalhinha, que é um vulnerário, ver Plínio, XXI, 44 e 145.
49. *Ilíada*, VIII, 281.
50. *Ilíada*, X, 243.
51. *Ilíada*, VII, 109.
52. Discípulo de Fédon.
53. Arcesilau é considerado como o fundador da Academia Média (268-241). Cleanto foi escolarca no Pórtico (264-232). Bâton é um autor da Comédia Média.
54. Xenofonte, *Agesilau*, XI, 5.
55. Tucídides, III, 82.
56. Tema desenvolvido na *República*, 474 d.
57. Estrútiás é personagem do Bajulador de Menandro.
58. *O bajulador*, frag. 3
59. *Ibid.*
60. Platão, *Górgias*, 485 d.
61. *Ilíada*, X, 249.
62. Eurípidés, *Alceste*, 1159; *Bacantes*, 1388, sobretudo.
63. Snell, T. G. F. II, 365.
64. Ler Heródoto, I, 30 ss.

65. A Antiguidade transborda dessas anedotas sobre a confiança dos ricos em suas miseráveis habilidades, por pouco que um parasita venha celebrar o talento deles. Cf. a história de Evângelo em *Contra um ignorante que preparava para si uma biblioteca*, de Luciano de Samosate.

66. Filósofo do século II, paladino da Nova Academia.

67. Bión de Borístenes, filósofo cínico.

68. *Ilíada*, XVI, 151.

69. Trata-se sem dúvida de Ptolomeu IV Filopator (221-204), apelidado τρύφων.

70. Trata-se do poeta Ágis, que foi um dos mais célebres cortesãos de Alexandre, segundo o testemunho de Arriano, *Anáb.*, IV, 9, 9.

71. Anedota duvidosa e forjada.

72. Trata-se de Caius Petronius Arbiter, o autor do *Satiricon*. Mas nenhum testemunho sobre o escritor – cf. sobretudo a narrativa de Tácito, *Annales*, XVI, 17 ss. – permite firmar essa observação.

73. Ésquilo, *Mirmidões*; cf. Platão, *Banquete*, 180 c.

74. *Odisséia*, X, 329. É Circe que se dirige a Ulisses.

75. Um dos sete Sábios.

76. Eurípides, *Fenícias*, 472.

77. *Odisséia*, V, 90.

78. *Odisséia*, V, 89.

79. Kock, *Com. Att. Frag.*, III, 432, *Com. ad.* 125.

80. Eurípides, talvez *Ino*. Nauck, T. G. F. 412.

81. Eurípides, *Erecteu*, *ibid.*, 362, 18-20.

82. Talvez versos de Empédocles.

83. Idéia de Hesíodo, *Trabalhos*, 235.

84. Eurípides, *Ifigênia em Aulis*, 407.

85. Píndaro, *Fragmentos*, 206 (ed. Snell-Machler).

86. *Ilíada*, XIV, 84.

87. *Ilíada*, XX, 467.

88. Mistura de duas citações da *Ilíada*, XI, 654 e XIII, 675.

89. *Ilíada*, XVI, 33-35.

90. Snell, *Frag.* 248.
91. *Orestes*, 667.
92. Eurípides, *Íon*, 732.
93. Eurípides, *Fr.* 962.
94. *Sobre a coroa*, 198.
95. *Iliáda*, IX, 108.
96. Estenebeu. Ver Nauck T. G. F. 665
97. *Odisséia*, I, 157; IV, 70; XVII, 592.
98. *Acarnianos*, 503.
99. Tucídides, I, 70.
100. Eurípides, T. G. F. 1086.
101. *Iliáda*, XI, 313.
102. *Iliáda*, VIII, 234.
103. *Iliáda*, I, 70.
104. *Iliáda*, XIII, 116 ss. (trad. Ricard).
105. *Iliáda*, V, 171-172.
106. Eurípides, *Fenícias*, 1688.
107. Eurípides, *Héracles*, 1250.
108. *Iliáda*, V, 800.
109. Eurípides, *Fr.* 683 a.
110. II, 65, 5.
111. Eurípides, *Fenícias*, 532.
112. Eurípides, *Fenícias*, 528.
113. *Iliáda*, VI, 326.
114. *Iliáda*, IX, 109.
115. Sófocles, *fr.* 566.